

**O ESTRANHO
CASO DO
DOUTOR JEKYLL
E DO MR HYDE**

Robert Louis Stevenson

InfoLivros.org



SINOPSE DO ESTRANHO CASO DO DR. JEKYLL E DO SR. HYDE

O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde é um pequeno romance de terror psicológico, um verdadeiro clássico da literatura mundial que lida com um assunto muito humano e complexo. Suas descrições requintadas e a atmosfera de mistério que se mantém até o final fazem dela uma obra emblemática.

O tema central é o eterno dilema entre o bem e o mal, que é tão relevante e ao mesmo tempo faz deste um livro intemporal. É possível ser feliz vivendo num dos extremos? E que há enquanto os matizes do cinza? Estas são algumas das questões que podem ser apresentadas com a leitura deste romance.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde por Robert Louis Stevenson em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde](#)
author Robert Louis Stevenson
 - Espanhol InfoLibros.org: [El extraño caso del doctor Jekyll y el señor Hyde](#)
autor Robert Louis Stevenson
 - Francês InfoLivres.org: [L'étrange cas du docteur Jekyll et de Mr Hyde](#)
auteur Robert Louis Stevenson
-

Se quiser ler e descarregar mais livros de Robert Louis Stevenson em formato PDF, convidamo-lo a visitar esta página:

- [Robert Louis Stevenson Books em formato PDF](#) em
InfoLivros.org
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF](#) em InfoLivros.org

INTRODUÇÃO

A inspiração para *O médico e o monstro*, como é de conhecimento geral, veio a Stevenson em um sonho. De acordo com sua esposa, quando ela o despertou do que parecia ser um pesadelo terrível, ele disse: “Por que me acordou? Eu estava sonhando uma história apavorante.”*

Isso foi em 1885; Stevenson tinha 35 anos. Ele já havia escrito um número considerável de histórias, poemas, ensaios e peças de teatro, incluindo seu segundo romance mais famoso, *A ilha do tesouro*. Estava a semanas de publicar um romance em que vinha trabalhando havia vários anos, e que seria, imaginava, sua obra-prima — o melodramático *Prince Otto*, que quase ninguém conhece nos dias atuais. É tentador, de fato, especular que o conjunto impressionante da espirituosa e elegante obra em prosa de Stevenson seria desconhecido pela maioria dos leitores modernos, não fosse por aquele sonho em que, pela descrição do escritor, “um homem estava sendo pressionado em um gabinete, quando tomou uma droga e se transformou em outro ser”.

Sentado na cama, fumando um cigarro após o outro como costumava

fazer, Stevenson fez um rascunho do texto em três dias e depois o leu em voz alta para seu enteado e sua esposa. Fanny

Stevenson o criticou muito, insistindo que ele estava perdendo a oportunidade de uma “grande alegoria

moral” — nas palavras dela. O marido, petulante e incomodado com as críticas, jogou o manuscrito no fogo, seguindo os conselhos da esposa, e escreveu uma segunda versão em apenas mais três dias. Parecendo um homem possuído — como Jekyll rabiscando seu desesperado depoimento sobre o caso —, Stevenson compôs a mais famosa parábola moral da vida moderna em menos de uma semana. “A inspiração veio a mim praticamente como um presente.”

Os sonhos são universais através da consciência humana, evocando as fantasias e as neuroses primitivas que definem nossa espécie peculiar. O sucesso extraordinário de O médico e o monstro pode ser relacionado não apenas a sua arte inteligente mas principalmente à conjuração de nosso fascínio mais aterrador: o horror da autotransformação. O horror não da mudança do Eu no Outro, mas da mudança do Eu em algo repulsivo e estranho que o infeliz transformado deve admitir que também é seu Eu. Tal como Gregor Samsa, que de modo relutante começa a desfrutar as escaladas em patas pegajosas de inseto nas paredes e no teto, Jekyll aceita o sentimento do “impulso de boas-vindas” diante da visão de sua personalidade vulgar, oculta. Stevenson compreendeu verdadeiramente o eterno dilema da autoconsciência humana. Aqui estou “eu”, andando por aí, vestindo minha roupa, falando, interagindo

com a sociedade. Mas, em algum lugar dentro desta carapaça civilizada, há outro eu, observando e avaliando toda essa postura, abrigando pensamentos que muitas vezes são contrários ao que está sendo expresso externamente. Este é o verdadeiro eu ou é ainda outra construção? E por que os impulsos do outro eu são com tanta frequência — gratificadamente — impróprios, misantropos e, de fato, autodestrutivos?

A alegoria moral a que Fanny Stevenson estava se referindo é muito clara: Jekyll é bom, Hyde é mau. As sensibilidades vitorianas não gostavam de tons de cinza; solidarizar-se com o mal não era popular do jeito que é hoje. Mas Stevenson não era o vitoriano típico, e, apesar da insistência de seus personagens na incorrigível depravação de Hyde, há leves traços de um ser humano em seus cômodos com decorações artísticas, como o serviço de chá posto no gabinete na cena final. Mais importante, se olharmos além da ênfase tendenciosa na bondade de Jekyll, veremos as ações de um homem egocêntrico, autodepreciativo e calculista, que faz menção clara a um segredo para o advogado e para o mordomo, que mente para os amigos, que coloca o pobre Hastie Lanyon em uma posição da qual não pode se recuperar, e que

não deixa a si mesmo nenhuma escolha além de suicídio no fim. Jekyll não é realmente um santo, assim como Hyde não é pura maldade. A história é um véu disfarçado de verdade, visto

apenas como uma metáfora simplificada da dualidade humana. Mas o sonho vive por trás dele, complexo e primitivo, a história não contada do homem interior, do sociopata, do outro eu.

Devo ter chegado perto desse sonho. Uma manhã, há vários anos, acordei de bruços e me encontrei encarando minha mão; de repente, lembrei-me da cena em *O médico e o monstro* quando Hyde inesperadamente acorda na cama de Jekyll, tendo se transformado durante a noite, e reconhece pela primeira vez a mão “magra, marcada por veias saltadas e juntas proeminentes”. Eu andava procurando um projeto e, de repente, ali estava — um presente: Hyde.

Ao longo dos anos, já existiram muitas adaptações de *O médico e o monstro* — peças de teatro, filmes, séries de TV, musicais estrelados por David Hasselhoff. Meu interesse não era fazer mais uma versão, mas retornar ao original, explorando as inconsistências dos personagens e elaborando um modelo psicológico convincente para explicar a queda de Jekyll para a autodestruição. O original também é um mistério de assassinato; por que Hyde mata Sir Danvers Carew? A história diz que é coincidência. Mas o assassinato é testemunhado por uma criada em uma janela do segundo andar, que reconhece Hyde, “que certa vez visitara seu patrão”. Quem é esse patrão, e por que Hyde deveria visitá-lo? Essas perguntas anseiam por respostas. Durante quase cento e trinta anos,** *O médico e o monstro* teve um lugar cativo nas

prateleiras inconstantes — e muitas vezes injustas — da literatura clássica, uma permanência sem dúvida devida a essas aparentes insinuações, as alusões tentadoras de um submundo pedindo para ser descoberto.

Se os pontos da trama da história de Stevenson forem impressos em uma folha de papel vegetal e os pontos de minha própria versão forem impressos em outro, espero que os dois, colocados juntos contra a luz, sobreponham-se em uma imagem harmoniosa, ainda que com alguns conflitos. Estou profundamente agradecido a Robert Louis Stevenson, romântico, boêmio, aventureiro, cheio de estilo e alma companheira, pelo uso de sua trama assombrosa e seu sonho fantástico, que pertencem, no fim das contas, a todos nós.

CAPITULO I

A história da porta

Mr. Utterson, o advogado, era um homem de semblante fechado, que nunca se iluminava por um sorriso; frio, contido e de poucas palavras; não demonstrava os sentimentos; magro, longilíneo, pálido, retraído e mesmo assim encantador. Nas reuniões com amigos, e quando o vinho lhe apetecia, algo eminentemente humano iluminava seu olhar; algo que, de fato, nunca se tornava aparente em seu jeito de falar, mas que surgia não apenas naquelas indicações silenciosas de sua expressão após o jantar porém, com mais frequência e mais evidentemente, em seus atos cotidianos. Era austero; bebia gim quando estava só, para amortecer o gosto por vinhos finos; e, apesar de gostar de teatro, não punha os pés em uma plateia havia vinte anos. Mas era tolerante e compassivo com os outros; às vezes, admirava-se, quase com inveja, da forte influência dos licores envolvidos em seus atos condenáveis; e, em casos extremos, tendia mais a ajudar que a reprovar. “Tenho uma inclinação pela heresia de Caim”, costumava dizer de forma peculiar: “Deixo que meu irmão se perca por conta própria.” Com essa personalidade, repetidamente era seu destino ser o último conhecido respeitável e a última boa

influência na vida de homens vivendo em perdição. E, para tais pessoas, quando vinham a seus aposentos, ele nunca revelava nenhuma sombra de mudança no comportamento.

Sem dúvida, tal feito não era difícil para Mr. Utterson; pois era reservado ao extremo, e até mesmo sua amizade parecia ser fundamentada em uma natureza bondosa que se estendia a todos. É parte do caráter de um homem

modesto aceitar seu círculo de amizades como é apresentado pelas mãos da oportunidade; e essa era a postura do advogado. Os amigos eram os de seu próprio sangue ou aqueles que conhecia havia muito; as afeições, como hera, cresciam com o passar do tempo, sem exigir nada em troca. Isso sem dúvida explicava o vínculo que o unia a Mr. Richard Enfield, seu parente distante, um homem notório na cidade. Era um enigma para muitos o que esses dois viam um no outro ou que assunto poderiam ter em comum. Aqueles que os encontravam em seus passeios dominicais diziam que eles permaneciam calados, pareciam singularmente entediados e saudavam com evidente alívio o surgimento de um amigo. Não obstante, os dois homens tinham imensa consideração por esses passeios, classificando-os como a joia mais preciosa de cada semana, e não só deixavam de lado outros eventos sociais, como resistiam até a emergências de trabalho, para que os passeios ocorressem com regularidade.

Foi em uma dessas ocasiões que acabaram caminhando por uma ruela em um trecho movimentado de Londres. A via era estreita e poderia ser chamada de tranquila, mas abrigava um comércio próspero nos dias de semana. Os moradores da área eram muito bem-sucedidos, ao que parecia, e todos aspiravam a prosperar ainda mais, dedicando o excedente de seus lucros em faceirice; assim, as vitrines das lojas daquela rua tinham um ar bastante convidativo, como se fossem fileiras de vendedoras sorridentes. Mesmo aos domingos, quando encobria seus encantos mais belos e ficava praticamente sem movimento, a rua brilhava em contraste com a vizinhança imunda, como um incêndio na floresta; e, com persianas recém-pintadas, metais bem-polidos, limpeza geral e alegria vibrante, atraía e agradava imediatamente os olhares dos transeuntes.

A duas casas de uma esquina, à esquerda de quem segue para leste, a fileira de lojas era interrompida pelo acesso a um pátio; nesse ponto, havia uma construção sinistra, cujo gablete avançava sobre a rua. Tinha dois andares; sem janelas aparentes, nada além de uma porta no andar inferior e uma fachada contínua, a parede com tinta desbotada no andar superior; e revelava em cada característica as marcas da negligência prolongada e obscena. A porta, sem sineta nem aldrava, tinha bolhas na pintura e a tinta descascada. Vagabundos se assentaram na área e acendiam fósforos nas almofadas da porta; crianças vendiam mercadorias nos

degraus; um garoto havia arranhado as cornijas com sua faca; e, por quase uma geração, ninguém

aparecera para afugentar esses visitantes esporádicos ou para reparar seus estragos.

Mr. Enfield e o advogado estavam do outro lado da rua; mas, quando se depararam com a entrada, Enfield ergueu a bengala e apontou.

— Já reparou naquela porta? — perguntou; e seu companheiro respondeu afirmativamente. — Em minha mente, ela está relacionada a uma história muito estranha — acrescentou ele.

— É mesmo? — disse Mr. Utterson, com uma leve mudança no tom de voz. — Qual história?

— Bem, foi assim — prosseguiu Mr. Enfield. — Eu voltava para casa, vindo de algum lugar no fim do mundo, por volta das três da manhã, em uma madrugada escura de inverno, e meu trajeto passava por uma parte da cidade onde não havia nada a ser visto, exceto os lampiões. Rua após rua, e a cidade inteira dormindo; rua após rua, tudo iluminado como se uma procissão fosse passar, mas vazio como uma igreja; até que, por fim, entrei naquele estado de espírito em que um homem aguça os sentidos e começa a desejar avistar um policial. De repente, vi dois vultos: um homem baixinho caminhando para leste, a passos firmes, e uma garota, de talvez 8 ou 10 anos,

correndo o mais rápido possível ao descer uma rua transversal. Bem, senhor, naturalmente os dois acabaram dando um encontrão na esquina; e então veio a parte terrível da história; pois o homem pisou na criança calmamente e a deixou gritando no chão. Contando, pode não parecer grande coisa, mas a cena foi infernal. Ele não agia como um cavalheiro; mas como um maldito carro de Jagrená. Gritei para que parasse, corri atrás dele, e o agarrei pelo colarinho, trazendo-o de volta até onde já havia se formado um grupo de pessoas ao redor da criança que chorava. Ele estava impassível e calmo, e não impôs resistência, mas me dirigiu um olhar tão assustador que senti o suor escorrendo em minhas costas. As pessoas que se aglomeravam eram familiares da menina; e, pouco depois, o médico, a quem ela havia ido procurar, deu o ar de sua graça. Bem, a menina não tinha se machucado tanto, parecia mais assustada, de acordo com o tal médico; e eu achava que tudo fosse acabar ali. Mas houve um fato curioso. Senti repugnância por aquele cavalheiro à primeira vista. Os familiares da criança sentiram o mesmo, o que era até natural. Mas a reação do médico me impressionou. Ele era o típico esculápio rígido, sem idade nem cor determinadas, com um forte sotaque de Edimburgo e tão emotivo quanto uma gaita de fole. Bem, senhor,

ele estava como o restante de nós; toda vez que olhava para meu prisioneiro, notava que o esculápio empalidecia e ficava

enojado, com desejo de matá-lo. Eu sabia o que passava em sua mente, e ele sabia o que passava na minha; mas, como matar estava fora de questão, ficamos com a segunda melhor opção. Dissemos ao homem que poderíamos e faríamos tamanho escândalo que seu nome ficaria manchado de um extremo ao outro de Londres. Se ele tivesse algum amigo ou qualquer crédito, iríamos nos empenhar para que o perdesse. E, o tempo inteiro, enquanto controlávamos a situação, mantínhamos as mulheres afastadas dele ao máximo, pois elas estavam indóceis como harpias. Nunca vi um grupo de rostos com tanto ódio; e lá estava o homem, no centro, com uma espécie de frieza zombeteira e sombria. Assustado também, era possível notar, mas encarando a situação, senhor, realmente como um demônio. “Se os senhores pretendem tirar proveito deste acidente, naturalmente não tenho como reagir. Nenhum cavalheiro quer se envolver em um escândalo”, disse ele. “Digam quanto querem.” Bem, chegamos à quantia de cem libras, que seriam dadas à família da criança; ficou evidente que o homem gostaria de se safar; mas nosso grupo estava disposto a pôr a história em pratos limpos, e por fim ele cedeu. O passo seguinte era conseguir o dinheiro; e imagine aonde ele nos levou? Àquela casa com a porta. Puxou uma chave, entrou e em breve voltou com cerca de dez libras em ouro e um cheque para ser descontado no Banco Coutts, ao portador e assinado com um nome que mal consigo repetir, apesar de ser um dos pontos altos de minha história, mas ao menos era um nome bastante conhecido e que lemos com frequência nas

colunas sociais. O valor era alto; mas a assinatura, sendo genuína, garantiria até somas maiores. Tomei a liberdade de informar ao cavalheiro que toda aquela situação me parecia muito suspeita, e que, na vida real, um homem não entra pela porta de um depósito, às quatro da manhã, e sai com um cheque que não lhe pertence, no valor de quase cem libras. Mas ele estava tranquilo e com um sorriso irônico. “Não se preocupem. Ficarei com os senhores até o banco abrir, e eu mesmo descontarei o cheque”, disse. Assim, fomos dali o médico, o pai da menina, nosso amigo e eu, e passamos o restante da noite em meus aposentos; e, no dia seguinte, após fazermos o desjejum, fomos juntos ao banco. Eu mesmo apresentei o cheque e disse que tinha todos os motivos do mundo para acreditar que fosse falso. Ledo engano. O cheque era genuíno.

— Tsc-tsc — disse Mr. Utterson.

— Noto que sente o mesmo que eu — observou Mr. Enfield. — Sim, é uma história intragável. Pois o cavalheiro era um sujeito com quem ninguém se relacionaria, um homem realmente condenável; e a pessoa que emitiu o cheque pertence à nata da sociedade, é uma figura célebre e, para piorar a situação, alguém de seu círculo de amigos, conhecido por sua filantropia. Chantagem, suponho; um homem honesto pagando com juros por alguns dos arroubos da juventude. Por esta razão, chamo aquele lugar com a porta de Mansão da Chantagem. Porém, se

foi mesmo isso que ocorreu, ainda não é suficiente para explicar tudo — acrescentou, e com essas palavras mergulhou em um estado de profunda reflexão.

E retomou a consciência quando Mr. Utterson subitamente perguntou:

- Você sabe se o emissor do cheque vive nesse lugar?
- Seria de se esperar, não? — respondeu Mr. Enfield. — Mas, por acaso, observei o endereço no cheque; ele mora em alguma praça que não lembro.
- E você nunca perguntou sobre o... lugar com a porta? — quis saber Mr. Utterson.
- Não senhor: fui discreto. Não é de meu feitio ficar fazendo perguntas; parece demais com o que se espera do Dia do Juízo Final. Lança-se uma pergunta, e é como se uma pedra fosse atirada. Senta-se calmamente no alto de uma colina; e a pedra desce morro abaixo, e outras pedras rolam junto; e então aquele sujeito velho e gentil, o último ser em que se teria pensado, leva uma pedrada na cabeça em seu próprio quintal, e a família tem de mudar de nome. Não senhor, esta é a regra de minha vida: quanto mais excentricidade parece haver na vida de uma pessoa, menos perguntas faço.
- De fato, uma excelente regra — comentou o advogado.
- Mas tenho sondado o lugar, por curiosidade — continuou Mr. Enfield. — Não parece uma moradia. Não há outras portas,

e ninguém entra nem sai, exceto, muito de vez em quando, o cavalheiro de minha aventura. Há três janelas com vista para o pátio no primeiro andar; nenhuma abaixo; as janelas estão sempre fechadas, mas são limpas. E há uma chaminé que geralmente solta fumaça; então, alguém deve morar lá. E, mesmo assim, não tenho certeza absoluta. As construções são tão próximas em torno do pátio que é difícil dizer onde termina uma e começa outra.

A dupla seguiu outra vez por um tempo em silêncio; e então:

— Enfield — disse Mr. Utterson —, essa sua regra é mesmo excelente.

— Sim, acredito que seja — replicou ele.

— Mas, de tudo isso — continuou o advogado —, há um ponto que desejo esclarecer: quero saber o nome do homem que pisou na menina.

— Bem — disse Mr. Enfield —, não vejo problema algum em dizer. O nome do homem é Hyde.

— Humm — disse Mr. Utterson. — E como era a aparência desse homem?

— Ele não é fácil de descrever. Há algo estranho em suas feições; algo desagradável, absolutamente detestável. Nunca vi um homem que eu desgostasse tanto, e nem sei dizer por quê. Parece ter algum tipo de deformação. Ele passa uma forte

sensação de possuir alguma malformação, embora eu não seja capaz de especificá-la. É um homem de aparência impressionante, e não consigo dizer exatamente o que foge do normal. Não senhor; não sou capaz; não consigo descrevê-lo. E não é falta de memória, pois sou capaz de visualizar o rosto dele diante de meus olhos neste exato instante.

Mr. Utterson andou mais um pouco em silêncio, obviamente sob o peso de profundas considerações.

— Tem certeza de que ele tinha uma chave? — perguntou, por fim.

— Meu caro... — começou Enfield, surpreso com a pergunta.

— Sim, eu sei — disse Utterson. — Sei que deve parecer estranho. O fato é que, se eu não peço o nome da outra pessoa, é porque já sei quem é. Veja, Richard, sua história voltou ao ponto de partida. Se houve qualquer imprecisão em algum trecho, é melhor corrigir agora.

— Acho que você poderia ter me avisado — retrucou o outro com um toque de amargura na voz. — Mas precisei os mínimos detalhes, como se costuma dizer. O sujeito tinha uma chave; e, além do mais, ainda está em seu poder. Eu o vi usá-la há menos de uma semana.

Mr. Utterson suspirou profundamente, mas não disse uma palavra; então o jovem retomou a palavra.

— Eis aqui mais uma lição sobre o valor do silêncio. Estou envergonhado por ter falado demais. Vamos combinar uma coisa: nunca mais voltaremos a falar desse assunto.

— Do fundo de meu coração — disse o advogado. — Estou plenamente de acordo, Richard.

CAPÍTULO II

À procura de Mr. Hyde

Naquela noite, Mr. Utterson chegou à sua casa de solteiro em um humor sombrio e se sentou para jantar sem entusiasmo. Era seu costume dominical, após terminar a ceia, acomodar-se perto da lareira, com um livro de teologia sobre a escrivania, até que o relógio da igreja vizinha desse a décima segunda badalada, quando ele, solenemente e de bom grado, recolhia-se ao leito. Nesta noite, no entanto, assim que a mesa foi retirada, Mr. Utterson pegou uma vela e se dirigiu ao escritório. Lá, abriu o cofre, tirou de um compartimento oculto um documento identificado no envelope como Testamento do Dr. Jekyll, e se sentou com o cenho franzido para analisar o conteúdo. Fora escrito por Jekyll, de próprio punho, pois Mr. Utterson, embora tivesse aceitado ser o testamenteiro, recusara-se a prestar qualquer assistência durante sua confecção. Além de estabelecer que, no caso da morte de Henry Jekyll, doutor em medicina, doutor em direito, médico emérito, membro da Royal Society etc., todos os seus bens passariam para as mãos do “amigo e benfeitor Edward Hyde”, o documento também determinava que, no caso de “desaparecimento ou ausência não explicada do Dr. Jekyll por um período superior a três meses”, o referido Edward Hyde

deveria assumir os bens de Henry Jekyll sem delongas e livre de qualquer ônus ou obrigação, além do pagamento de uma pequena quantia aos empregados domésticos do médico. Este documento era extremamente incômodo para o advogado. Era um insulto tanto a ele enquanto advogado quanto como amante dos aspectos sãos e convencionais da vida, a quem a extravagância era tida como falsa

modéstia. E, até aquele momento, o que havia alimentado sua indignação era o fato de desconhecer Mr. Hyde. Agora, por uma reviravolta, passava a ser o fato de conhecê-lo. Já era ruim o suficiente quando o nome não passava de um nome, sem mais informações. Ficou pior quando começou a ser revestido por atributos detestáveis; e, afastando as brumas inconstantes, insubstanciais, que por tanto tempo dificultaram sua visão, surgiu a imagem súbita, nítida, de um demônio.

— Pensei que fosse insanidade — disse ele, enquanto guardava novamente o documento repulsivo no cofre —, e agora começo a temer que seja ignomínia.

Em seguida, apagou a vela, vestiu um casaco e partiu em direção à Cavendish Square, área de grande concentração de médicos renomados, onde seu amigo, o grande Dr. Lanyon, residia e atendia sua vasta clientela. “Se existe alguém que sabe, esse alguém é Lanyon”, pensara.

O solene mordomo já o conhecia e o recebeu com presteza; sem demora, foi encaminhado da porta para a sala onde o Dr. Lanyon estava sentado sozinho com seu cálice de vinho. Era um cavalheiro atencioso, robusto, elegante, de rosto avermelhado, com uma mecha de cabelos precocemente grisalha e um jeito exuberante e decidido. Ao ver Mr. Utterson, saltou da cadeira e o cumprimentou com ambas as mãos. A afabilidade, que caracterizava seu modo de ser, era um tanto teatral, mas era proveniente de sentimentos genuínos. Eram velhos amigos, colegas de longa data, tanto da escola quanto da faculdade, tinham um profundo respeito mútuo e por si mesmos, e, algo que nem sempre ocorre, apreciavam muito a companhia um do outro.

Após uma rápida conversa descompromissada, o advogado puxou o assunto que tão desagradavelmente vinha ocupando sua mente.

— Suponho, Lanyon, que sejamos os dois amigos mais velhos que Henry Jekyll tem...

— Gostaria de que fôssemos mais jovens — gracejou o Dr. Lanyon. — Mas acho que somos. E o que tem isso? Vemo-nos muito raramente agora.

— É mesmo? — disse Utterson. — Pensei que tivessem um vínculo por interesses em comum.

— Tínhamos. Mas faz mais de dez anos que Henry Jekyll se tornou estranho demais para meu gosto. Ele começou a

cometer erros, a ter pensamentos equivocados; e, embora, é claro, eu continue a me interessar

por ele em nome dos velhos tempos, como dizem, pouco o vejo e pouco conversamos. O homem só profere disparates nada científicos que teriam ofendido Damão e Pítias — acrescentou o médico, enrubescendo subitamente.

Essa rápida demonstração de descontentamento foi um verdadeiro alívio para Mr. Utterson. “Suas divergências eram apenas de cunho científico”, pensou ele; e, sendo um homem de paixões nada científicas (exceto no que se referia a transferência de propriedades), ainda acrescentou: “Não deve ser nada além disso!” Esperou alguns segundos, para que o amigo recuperasse a compostura e, em seguida, abordou a questão que o levara até lá.

— Alguma vez você se encontrou com um protégé dele, um homem chamado Hyde?

— Hyde? — repetiu Lanyon. — Não. Nunca ouvi falar. Não é do meu tempo.

Essa foi toda a informação que o advogado levou consigo para a cama grande e escura em que passou a noite se revirando, para lá e para cá, até as primeiras horas da manhã despontarem. Foi uma madrugada de pouco descanso para sua mente turbulenta e atribulada em plena escuridão e povoada por questionamentos.

Os sinos da igreja que ficava tão convenientemente próxima da residência de Mr. Utterson badalaram as seis da manhã, e ele ainda refletia sobre o problema. Até então, somente seu lado intelectual havia sido afetado. Mas agora sua imaginação também fora comprometida, ou melhor, escravizada. E, quando se deitou e mergulhou na escuridão da noite e das cortinas do quarto, a história narrada por Mr. Enfield passou diante de seus olhos como um pergaminho de imagens iluminadas. Visualizava as fileiras de lampiões na paisagem noturna da cidade, depois o vulto de um homem andando apressadamente; em seguida, a menina que vinha correndo da casa do médico, e então os dois dando um encontrão, e aquele homem possuído por uma força maligna pisando na menina, seguindo adiante sem se incomodar com os gritos dela. Ou então via um aposento em uma mansão, onde seu amigo dormia, sonhando e sorrindo em meio aos sonhos; e então a porta do quarto se abria, o dossel era afastado, o homem adormecido era acordado, e eis que surgia ao seu lado uma figura a quem foi dado poder; mesmo naquela hora morta, o amigo precisava se levantar e se submeter às ordens do vulto desconhecido. Em ambas as cenas, tal vulto assombrou o

advogado a noite inteira; se em algum momento ele conseguia cochilar, era para pressentir o vulto deslizando ainda mais furtivo e se insinuando pelas casas adormecidas, ou se movendo cada vez mais rápido, deixando-o tonto, através dos

amplios labirintos da cidade iluminada por lampiões, e a cada esquina uma menina era pisada, sendo abandonada aos prantos. E a figura sequer tinha um rosto reconhecível. Mesmo em seus sonhos, ela não tinha face, ou então tinha feições assustadoras que se desmanchavam diante de seus olhos; e assim surgia e se agigantava em ritmo acelerado na mente do advogado uma curiosidade particularmente forte, quase excessiva, uma vontade imensa de conhecer a face do verdadeiro Mr. Hyde. Se pudesse ao menos uma vez colocar os olhos no homem, então o mistério seria esclarecido e talvez fosse desvendado por completo, como era o hábito das coisas misteriosas examinadas com atenção. Ele poderia encontrar uma justificativa para a estranha preferência ou submissão (chame como quiser) de seu amigo, e até mesmo para a cláusula surpreendente incluída no testamento. Pelo menos seria um rosto que valeria a pena contemplar: o rosto de um homem sem compaixão nem misericórdia: um rosto cuja simples visão já era suficiente para despertar um intenso sentimento de ódio na mente pouco impressionável de Enfield.

Depois disso, Mr. Utterson começou a rondar a porta situada na ruela próxima à rua das lojas. Pela manhã, antes de o comércio abrir; ao meio-dia, quando as ruas fervilhavam e o tempo era curto; à noite, sob a face enevoada da cidade enluarada, com qualquer iluminação e em todas as horas, com a rua movimentada ou não, o advogado podia ser encontrado em seu posto de vigia.

“Se ele quer ser Mr. Hyde, eu serei Mr. Seek”, pensou.

E, por fim, sua paciência foi recompensada. Era uma noite seca e agradável; fazia frio; as ruas estavam limpas como a pista de um salão de baile; os lampiões, que não se abalavam com o vento, traçavam um padrão regular de luzes e sombras. Por volta das dez horas, quando as lojas já haviam fechado, a ruela estava bastante deserta e, apesar do ruído de fundo característico de Londres, muito silenciosa. Sons baixos ecoavam ao longe; os ruídos domésticos que emanavam das casas eram claramente audíveis em ambos os lados da via; e o ruído da aproximação de alguma carruagem era perceptível muito tempo antes de esta ser avistada. Mr. Utterson estava havia alguns minutos em seu posto quando ouviu passos leves e irregulares

se aproximando. No transcorrer de suas patrulhas noturnas, havia muito se acostumara com o efeito singular dos passos de uma única pessoa que, mesmo distantes, repentinamente se destacam do zunido e do murmúrio da cidade. No entanto, sua atenção jamais fora captada de forma tão abrupta e definitiva; e foi com uma forte intuição supersticiosa de que seria bem-sucedido que ele se encolheu próximo à entrada do pátio.

Os passos se aproximaram rápido, e, de repente, ficaram mais altos quando dobraram a esquina. O advogado, espiando de onde estava, logo percebeu com que tipo de pessoa teria de

lidar. Era um homem atarracado e com roupas simples, e sua aparência, mesmo a alguma distância, de certo modo era bastante conflitante com a imaginação do observador. Ele se dirigiu à porta, atravessando a rua para ganhar tempo; e, conforme caminhava, foi tirando uma chave do bolso, como se estivesse em casa.

Mr. Utterson deu um passo à frente e tocou seu ombro quando o homem passou por ele.

— Mr. Hyde, correto?

Mr. Hyde se encolheu, sibilando ao inspirar. Mas seu temor foi apenas momentâneo; e, embora não encarasse o advogado, respondeu com frieza suficiente.

— Eu mesmo. O que o senhor quer?

— Noto que está entrando — afirmou o advogado. — Sou um velho amigo do Dr. Jekyll, Mr. Utterson da Gaunt Street; o senhor deve ter ouvido falar de mim. Visto que nos encontramos em uma ocasião tão conveniente, quem sabe o senhor não me convida para entrar.

— O senhor não vai encontrar o Dr. Jekyll aqui; ele não está em casa — respondeu Mr. Hyde, voltando o olhar para a chave. E, então, de repente, mas ainda sem levantar a cabeça, perguntou: — Como me reconheceu?

— De sua parte — disse Mr. Utterson —, poderia me fazer um favor?

— Com prazer — respondeu o outro. — O que deseja?

— Posso ver seu rosto? — perguntou o advogado.

Mr. Hyde pareceu hesitar, e então, como se respondesse a um reflexo repentino, encarou-o com um ar desafiador; os dois se entreolharam fixamente por alguns segundos.

— Agora poderei reconhecê-lo — disse Mr. Utterson. — Isso pode ser útil.

— Sim — concordou Mr. Hyde —, foi bom nos encontrarmos; e, à

propos, fique também com meu endereço. — E deu um número e o nome de uma rua no Soho.

“Meu Deus do céu!”, pensou Mr. Utterson, “será que ele também anda preocupado com o testamento?” Mas guardou seus sentimentos para si e apenas resmungou um agradecimento.

— E agora — disse o outro —, como o senhor me reconheceu?

— Pela descrição.

— Quem me descreveu?

— Temos amigos em comum — afirmou Mr. Utterson.

— Amigos em comum — ecoou Mr. Hyde, um tom mais baixo.

— Quem são esses amigos?

— Jekyll, por exemplo — disse o advogado.

— Ele nunca falou de mim — conclamou Mr. Hyde, ficando vermelho de raiva. — Não julgava que o senhor fosse um mentiroso.

— Ora — disse Mr. Utterson —, que linguajar mais inadequado.

O outro soltou uma gargalhada selvagem que mais parecia um rosnado; e, no momento seguinte, com extraordinária rapidez, já havia destrancado a porta e sumido dentro da casa.

Depois que Mr. Hyde se foi, o advogado ficou ali parado mais algum tempo, a personificação da inquietação. Então começou a subir lentamente a rua, parando a cada um ou dois passos e colocando a mão na testa como se estivesse perplexo. O problema com que se debatia durante a caminhada era do tipo raramente solucionável. Mr. Hyde era pálido e atarracado, passando uma sensação de deformidade, mas sem nenhuma malformação que pudesse ser percebida, tinha um sorriso desagradável, apresentou-se ao advogado com uma espécie de mistura ameaçadora de timidez e ousadia, e falava com uma voz rouca, sussurrada e um pouco entrecortada; todas essas características pesavam contra ele, mas nem todas juntas poderiam explicar os sentimentos inéditos de repulsa, repugnância e temor que ele despertara em Mr. Utterson.

— Tem de haver algo mais — disse o cavalheiro, perplexo. — Há algo mais, mesmo que não saiba determinar o quê. Que Deus me perdoe, mas esse homem mal parece humano! Um

troglodita, talvez? Ou pode ser a velha história do Dr. Fell? Ou seria simplesmente a aura de uma alma deteriorada irradiando, e transfigurando, seu envoltório carnal? Acredito que o caso seja este último... Ó meu pobre velho companheiro Henry Jekyll, se alguma vez

na vida vi o demônio estampado em um rosto, foi no de seu novo amigo.

Ao virar a esquina da ruela, havia um conjunto de casas antigas, imponentes, embora, em sua maioria, já deterioradas e decaídas, alugadas inteiras ou quarto a quarto, para homens de todos os tipos e condições: cartógrafos, construtores, advogados suspeitos e agentes de empresas obscuras. Uma das propriedades, no entanto, a segunda a contar da esquina, ainda era ocupada por um só proprietário; e, à porta de tal moradia, que exalava um profundo ar de riqueza e conforto, apesar de naquele momento estar mergulhada na escuridão, exceto pela luz da claraboia, Mr. Utterson parou e bateu. Um criado idoso e bem-vestido atendeu à porta.

— O Dr. Jekyll se encontra em casa, Poole? — perguntou o advogado.

— Vou verificar, Mr. Utterson — declarou Poole.

O criado o conduziu a um enorme vestíbulo confortável, com pé-direito baixo e piso revestido por ladrilhos de pedra, aquecido (como em uma casa de campo) por uma lareira

aberta e brilhante, e decorado com estantes de carvalho elegantes.

— Quer esperar aqui perto do fogo, senhor? Ou prefere que eu ilumine a sala de jantar?

— Aqui está bom, obrigado — disse o advogado, aproximando-se e se encostando no guarda-fogo.

Este vestíbulo, onde fora deixado sozinho, era a menina dos olhos de seu amigo, o médico; o próprio Utterson costumava se referir ao local como a sala mais agradável de Londres. Mas, esta noite, havia agitação correndo em suas veias; o rosto de Hyde pesava em sua memória; ele se sentia (o que era raro) nauseado e aborrecido; e, na escuridão de sua alma, parecia pressentir uma ameaça na forma como a luz da lareira reluzia nos móveis polidos e a inquieta aproximação de uma sombra sobre o telhado. Utterson ficou constrangido pelo alívio que sentiu quando Poole voltou para anunciar que o Dr. Jekyll tinha saído.

— Vi Mr. Hyde entrar pela porta da velha sala de dissecação, Poole — disse ele. — Isso está correto, com o Dr. Jekyll ausente?

— Corretíssimo, Mr. Utterson, senhor — respondeu o criado.

— Mr.

Hyde tem uma chave.

— Seu patrão parece depositar bastante confiança no jovem, Poole — retomou o outro, com ar inquisitivo.

— Sim senhor, de fato — confirmou Poole. — Temos ordens de atender

a todos os seus pedidos.

— Acredito que eu jamais tenha encontrado Mr. Hyde — comentou Utterson.

— Não senhor, jamais. Ele nunca janta aqui — respondeu o mordomo. — Na verdade, raramente o vemos deste lado da casa. Ele entra e sai pelo laboratório.

— Bem, boa noite, Poole.

— Boa noite, Mr. Utterson.

E o advogado voltou para casa com o coração apertado.

“Pobre Henry Jekyll”, pensou ele, “imagino que esteja navegando em águas turbulentas! Levou uma vida desregrada na juventude; isso faz muito tempo, com certeza; mas as leis de Deus são eternas. Ah, deve ser isto; o fantasma de algum pecado do passado, o cancro de algum flagelo oculto: o castigo vem, pede clauda, anos depois, quando a memória já nos falta, e o amor-próprio perdoou o tropeço.” E o advogado, apavorado com seus pensamentos, meditou por algum tempo sobre seu próprio passado, revirando com cuidado todos os recantos da memória, temendo que, por acaso, alguma antiga

iniquidade pulasse em seu colo, como que saindo de uma caixa de surpresas. Seu passado era bastante inocente; poucos homens poderiam rever cenas de sua vida com menos apreensão; mesmo assim, sentiu-se arrasado pelas muitas coisas questionáveis que havia feito e se reergueu com uma gratidão sóbria e temente pelas muitas coisas que estivera prestes a fazer, mas acabara se refreando. E então, voltando ao assunto anterior, ele se iluminou com uma centelha de esperança. “Esse tal de Hyde, se investigado a fundo, deve ter lá seus segredos; segredos macabros, a julgar por sua aparência; segredos sombrios, que fariam os piores deslizos do pobre Jekyll parecerem claros como a luz do sol. As coisas não podem continuar como estão. Gelo só de pensar nessa criatura furtiva, como um ladrão se esgueirando ao pé da cama de Henry. Pobre Henry, que surpresa desagradável teria ao despertar! E que perigo está correndo. Se esse Hyde suspeitar da existência do testamento, ele ficará ansioso, querendo receber logo sua herança. Ah, preciso fazer algo — se ao menos Jekyll permitir”, acrescentou. “Se Jekyll me deixar agir.” Mais uma vez, Mr. Utterson vislumbrou na mente, claras como cristal, as estranhas cláusulas daquele testamento.

CAPÍTULO III

O Dr. Jekyll estava bastante tranquilo

Duas semanas mais tarde, por um golpe de sorte, o médico deu um de seus jantares aprazíveis para uns cinco ou seis antigos amigos, todos homens respeitáveis, cultos e conhecedores de um bom vinho; e Mr. Utterson, de forma premeditada, permaneceu na casa após os outros terem ido embora. O que não era novidade alguma: ser o último a sair já acontecera repetidas vezes. Nos círculos em que Utterson era querido, era muito querido. Os anfitriões adoravam adiar a saída do advogado austero quando os falastrões já estavam de partida; gostavam de contar com sua companhia discreta, acostumando-se à solidão que viria, permitindo que o silêncio precioso daquele homem, após o desgaste e os esforços do deleite, tornasse suas mentes mais sóbrias. Para esta regra, o Dr. Jekyll não admitia exceção; e, sentados diante da lareira — um homem corpulento, bem-apegoado, na casa dos 50, com um ar astuto, talvez, mas com todos os traços de uma pessoa bondosa e competente —, era possível notar por seu olhar que nutria uma afeição sincera e profunda por Mr. Utterson.

— Há muito quero ter esta conversa, Jekyll — começou o último. — Podemos falar sobre seu testamento?

Um observador atento já teria notado que o tema não era de seu agrado, mas o médico encarou tudo alegremente.

— Meu pobre Utterson, que péssimo cliente estou me saindo. Nunca vi alguém ficar tão aflito quanto você com meu testamento; exceto pelo pedante e conservador Lanyon, com o que ele passou a chamar de minhas heresias

científicas. Ah, sei que ele é um bom companheiro, não precisa fazer essa careta. Um excelente companheiro e sempre quis continuar a tê-lo entre meus convivas; mas não deixa de ser o mais pedante e conservador de todos; um pedante indiscutivelmente ingênuo. Nenhum outro homem me decepcionou tanto quanto Lanyon.

— Você sabe que nunca estive de acordo — retomou Utterson, impiedosamente, ignorando o novo assunto em questão.

— Com meu testamento? Sim, certamente, sei disso — disse o médico, um pouco abruptamente. — Você já o afirmou reiteradas vezes.

— Bem, quero então dizer novamente — continuou o advogado. — Descobri algumas coisas sobre o jovem Hyde.

O rosto bonito e arredondado do Dr. Jekyll empalideceu, e até seus lábios perderam a cor, e o olhar foi encoberto por nuvens escuras.

- Estou farto deste assunto — disse ele. — Achei que já tínhamos decidido não tocar mais neste tema.
- Ouvi coisas abomináveis — continuou Utterson.
- Seja o que for, não faz diferença nenhuma. Você não entende minha posição — retrucou o médico, com certa incoerência. — Minha situação é bastante delicada, Utterson; estou em uma posição um tanto incomum. Realmente muito incomum. É um daqueles assuntos que não podem ser resolvidos apenas com uma conversa.
- Jekyll, você me conhece: sou digno de sua confiança. Confie em mim, abra seu coração, e tenho certeza de que poderei livrá-lo dessa enrascada.
- Meu bom Utterson — disse o médico —, é muita generosidade sua, muitíssima generosidade sua, e não consigo encontrar palavras para agradecer. Acredito em você piamente; confio em você mais que em qualquer pessoa do mundo, até mais que em mim mesmo, se pudesse escolher; mas a realidade não é como imagina; não é tão ruim assim; e, para acalmar seu espírito bondoso, vou contar uma coisa: posso me livrar de Mr. Hyde quando quiser. Pode acreditar; e agradeço muito por sua preocupação; e quero dizer só mais uma coisinha, Utterson, que com certeza você vai aceitar de bom grado: este assunto é sigiloso, e lhe peço para deixá-lo de lado. Utterson refletiu um pouco, contemplando a lareira acesa.

— Tenho certeza de que você tem razão — retrucou ele, por fim, levantando-se.

— Bem, agora que encerramos esta conversa, e espero que tenha sido a

última vez que tratamos desse assunto — continuou o médico —, há um ponto que quero que fique claro. Realmente, tenho profundo interesse pelo pobre Hyde. Sei que o encontrou; ele me disse; e temo que o homem tenha sido grosseiro. Mas, sinceramente, interesse-me muito, tenho profundo interesse por aquele jovem; e, se eu partir, Utterson, gostaria que me promettesse que irá apoiá-lo e lutar pelos direitos do rapaz. Sei que concordaria comigo se conhecesse todos os fatos; e estaria tirando um peso de minhas costas se me promettesse.

— Seria falsidade minha dizer que algum dia gostarei dele — comentou o advogado.

— Não peço muito — declarou Jekyll, pousando a mão sobre o braço do amigo. — Só peço justiça; só peço que o ajude em consideração a mim, quando eu tiver partido.

Utterson deu um suspiro incontido.

— Bem — disse ele. — Eu prometo.

CAPÍTULO IV

O caso do assassinato de Carew

Quase um ano depois, no mês de outubro de 18 —, Londres foi surpreendida por um crime de singular brutalidade, e o caso se tornou ainda mais notável pela importância da vítima. Os detalhes eram escassos e surpreendentes. Uma criada que morava sozinha em uma residência não muito longe do rio havia subido para se deitar por volta das onze da noite. Embora um nevoeiro tivesse coberto a cidade nas primeiras horas, o céu estava limpo ao anoitecer, e a travessa para onde dava a janela do quarto da criada era iluminada pelo brilho da lua cheia. A moça parecia estar tomada pelo romantismo, pois se sentou em um baú que ficava junto ao parapeito da janela e se perdeu em devaneios. Jamais (dizia ela, com lágrimas escorrendo, sempre que relembrava a experiência), jamais experimentara um sentimento de tamanha paz com a humanidade ou maior amor pelo mundo. E, ali sentada, notou a presença de um cavalheiro idoso e belo, com cabelos brancos, caminhando pela travessa; e, aproximando-se dele, outro cavalheiro, muito baixinho, em quem, a princípio, ela prestou menos atenção. Quando se aproximaram o suficiente para poder conversar (o que ocorreu logo debaixo da janela da criada), o mais idoso se curvou e cumprimentou o outro com

reverência e polidez. O tema da conversa não parecia ser de grande importância; de fato, pelos gestos, ficara a impressão de que apenas estivesse pedindo orientações sobre um caminho; mas a lua iluminou seu rosto enquanto falava, e a moça se alegrou ao vê-lo, pois o homem transpirava inocência e uma boa vontade à moda antiga, embora também possuísse um quê de nobreza, como se

revelando uma complacência de bases sólidas. Em seguida, seu olhar se voltou para o outro, e ela ficou surpresa ao reconhecer que se tratava de um tal Mr. Hyde, que certa vez visitara seu patrão e lhe despertara uma antipatia imediata. Portava uma bengala pesada, com a qual brincava; mas não dizia uma palavra e parecia ouvir com uma impaciência malcontida. E então, de repente, ele manifestou um surto de raiva, batendo os pés no chão com força, brandindo a bengala e agindo (conforme descreveu a criada) como alguém enlouquecido. O cavalheiro mais velho recuou um passo, aparentemente bastante surpreso e levemente melindrado; nesse momento, Mr. Hyde perdeu as estribeiras por completo, agredindo-o e jogando-o no chão. Logo depois, com uma fúria selvagem, pisou na vítima e lhe deu uma surra; a cada novo golpe era possível ouvir os ossos se quebrando, e o corpo se estrebuchava em plena via. O horror dessas imagens e ruídos foi tamanho que a criada desmaiou.

Às duas da manhã, ela voltou a si e chamou a polícia. O assassino desaparecera havia muito; mas sua vítima jazia no meio da travessa, assustadoramente desfigurada. A bengala usada na agressão, ainda que de uma madeira rara e muito dura e pesada, tinha quebrado ao meio sob a força da crueldade fria; uma metade rolara para a sarjeta mais próxima — a outra, sem dúvida, fora levada pelo assassino. Uma carteira e um relógio de ouro foram encontrados com a vítima: mas nenhum cartão pessoal nem documentos, apenas um envelope selado e lacrado, que provavelmente ia ser posto no correio e que estampava o nome e o endereço de Mr. Utterson.

O envelope chegou às mãos do advogado na manhã seguinte, antes de ele se levantar; o homem afirmou nunca o ter visto antes, e, ao ser informado dos acontecimentos, emitiu sua conclusão, com ar solene:

— Não direi nada até ter visto o corpo. A situação pode ser muito grave.

Tenham a bondade de aguardar enquanto me visto.

E, com o mesmo semblante grave, ele tomou seu desjejum apressadamente e rumou para a delegacia, para onde o corpo havia sido transportado. Assim que entrou na cela, confirmou a identidade, assentindo com a cabeça.

— Sim. Sei quem é. Lamento dizer que se trata de Sir Danvers Carew.

— Santo Deus, senhor! — exclamou o oficial. — Será possível? —
E, no momento seguinte, seu olhar brilhou com avidez
profissional. — Este caso vai causar furor. Talvez o senhor possa
nos ajudar a chegar ao culpado. — E

narrou rapidamente o que a criada presenciara, mostrando o
que havia restado da bengala.

Mr. Utterson já estava arrepiado só de ouvir o nome de Hyde;
mas, quando lhe apresentaram o pedaço da bengala, teve
certeza; mesmo quebrada e danificada, foi possível reconhecer
que era a que ele dera de presente a Henry Jekyll fazia alguns
anos.

— Esse Mr. Hyde é uma pessoa de baixa estatura? —
perguntou.

— Particularmente baixo e de aparência particularmente
perversa, foi como a criada o descreveu — respondeu o oficial.

Mr. Utterson refletiu; e então, ao erguer a cabeça, acrescentou:

— Se vier comigo em meu cabriolé — prosseguiu —, acho que
posso levá-lo à casa do suspeito.

A esta altura já era por volta das nove horas da manhã, e a
cidade estava coberta pelo primeiro nevoeiro da estação. Um
grupo de nuvens cor de chocolate se formava no firmamento,
mas o vento soprava sem trégua, dissipando os vapores; de
modo que, conforme o cabriolé avançava pelas sucessivas

ruas, Mr. Utterson contemplava uma maravilhosa série de tons e matizes do crepúsculo; aqui, estava escuro, como nos confins da noite; ali, reluzia um brilho castanho intenso, lúgubre, como a luz de uma conflagração estranha; e lá, por um momento, o nevoeiro se dissipava, e um feixe irregular da luz do dia trespassava as guirlandas etéreas. O sombrio bairro do Soho, percebido sob esses vislumbres cambiantes, com vias enlameadas, transeuntes desleixados e lampiões que nunca eram apagados ou que haviam sido acesos novamente para combater essa triste incursão das trevas, parecia, aos olhos do advogado, o bairro de uma cidadela em um pesadelo. Os pensamentos que ocupavam sua mente, além disso, tinham uma tonalidade ainda mais lúgubre; e, quando olhou para o passageiro ao lado, sentiu uma fisgada do terror causado pela lei e pelos oficiais da lei, que às vezes pode assolar até o mais honesto dos homens.

Quando o cabriolé parou diante do endereço indicado, o nevoeiro se dissipara um pouco, sendo possível divisar uma rua imunda, uma taberna de aparência suspeita, um restaurante francês barato, uma loja que vendia revistas baratas e verduras passadas, diversas crianças maltrapilhas amontoadas nas portas e muitas mulheres de diferentes nacionalidades caminhando sem rumo, com chaves na mão, para beber a primeira dose do dia; e, no momento seguinte, a névoa desceu novamente sobre a região,

colorindo o ar com um tom amarronzado e preservando-o do entorno nauseante. Esta era a casa do favorito de Henry Jekyll; de um homem indicado para ser o herdeiro de um quarto de milhão de libras esterlinas.

Uma senhora idosa, de cabelos prateados e face cor de marfim, atendeu à porta. Tinha um rosto malévolos, suavizado pela hipocrisia; mas seus modos eram excelentes. Sim, disse ela, ali era a casa de Mr. Hyde, mas ele havia saído; voltara muito tarde naquela noite, porém partira novamente menos de uma hora depois; não havia nada de estranho nessa atitude; seus hábitos eram muito irregulares, e ele se ausentava com frequência; por exemplo, sem contar a noite anterior, ela ficara sem vê-lo por quase dois meses.

— Muito bem, então, desejamos ver os aposentos dele — disse o advogado; e, quando a mulher fez menção de dizer que seria impossível, acrescentou: — Acho conveniente lhe informar quem é este senhor. É o inspetor Newcomen, da Scotland Yard.

Um lampejo de júbilo odioso iluminou o rosto da mulher.

— Ah! — disse ela. — Ele se meteu em uma enrascada! O que fez? Mr. Utterson e o inspetor trocaram olhares.

— Ele não parece ser uma figura muito admirada — observou o último.

— E agora, minha boa senhora, deixe que eu e este cavalheiro olhemos o interior da casa.

Com exceção da velha senhora, o restante da residência estava vazio, e Mr. Hyde ocupara apenas dois cômodos; mas estes estavam decorados com luxo e bom gosto. Uma pequena adega repleta de vinhos; talheres de prata, jogos de mesa elegantes; um belo quadro pendurado na parede, um presente (conforme Utterson supunha) de Henry Jekyll, que era um grande connoisseur; e tapetes macios de tons suaves. Naquele momento, no entanto, os quartos revelavam marcas de terem sido revirados recentemente e por mãos apressadas; havia roupas espalhadas pelo chão, com os bolsos puxados para fora; gavetas com travas estavam escancaradas; e, na lareira, havia montes de cinzas pálidas, como se muitos papéis tivessem sido queimados. Dessas brasas, o inspetor desenterrou fragmentos de um talão de cheques verde que resistiram à ação do fogo; a outra metade da bengala foi encontrada atrás da porta; e, como isso confirmava suas suspeitas, o oficial afirmou estar satisfeito com a busca. Uma ida ao banco, onde se descobriu que vários milhares de libras estavam disponíveis na conta do assassino, completou sua satisfação.

— Tenha certeza, senhor — disse a Mr. Utterson. — Ele está em minhas mãos. Deve ter perdido a cabeça, ou nunca teria deixado a bengala para trás e muito menos queimaria o talão de cheques. Ora, o dinheiro é tudo para esse homem. Não

precisamos fazer mais nada, apenas esperá-lo no banco e distribuir cartazes de “Procurado”.

Estes últimos, no entanto, não eram tão fáceis de se produzir; pois Mr. Hyde não conhecia muitas pessoas — até mesmo o patrão da criada que havia testemunhado o assassinato só vira Hyde duas vezes; sua família não foi localizada; nunca fora feito um retrato de seu rosto; e as poucas pessoas que conseguiam descrevê-lo tinham opiniões bastante divergentes, como costuma acontecer quando se conta com o depoimento de observadores comuns. Somente em um ponto havia consenso; era a sensação assombrosa de uma deformidade indefinida, com a qual o fugitivo impressionava quem o via.

CAPITULO V

O incidente da carta

Já era fim de tarde quando Mr. Utterson bateu à porta do Dr. Jekyll, onde foi recebido imediatamente por Poole e levado casa adentro, passando pela área da cozinha e atravessando um pátio que, no passado, abrigava um jardim, até chegarem ao prédio que ora era chamado de laboratório, ora de sala de dissecação, indiferentemente. O médico havia comprado a casa dos herdeiros de um célebre cirurgião; e, como preferia química a anatomia, mudara a função do bloco nos fundos do jardim. Era a primeira vez que o advogado seria recebido naquela parte da propriedade de seu amigo; e ele observava com curiosidade a estrutura sombria e sem janelas, olhando o entorno com uma desagradável sensação de estranheza conforme cruzava o anfiteatro, outrora repleto de alunos sedentos de saber e agora abandonado e silencioso, as mesas cheias de equipamentos químicos, o chão com caixas empilhadas e restos de palha de embalagem, e a luz pálida atravessando a cúpula nebulosa. Mais ao fundo, outro lance de escadas conduzia a uma porta, revestida de baeta vermelha; ao atravessá-la, Mr. Utterson finalmente foi recebido no gabinete do médico. Era um cômodo amplo, com armários de vidro em todas as paredes, mobiliado, entre outras coisas, com

um espelho de corpo inteiro e uma escrivaninha; três janelas empoeiradas e com barras de ferro davam vista para o pátio. O fogo ardia na lareira; um lampião estava aceso sob o aparador da chaminé, pois até mesmo no interior das casas o nevoeiro começava a ficar bastante denso; e ali, próximo ao fogo, sentava-se o Dr. Jekyll, aquecendo-se, parecendo extremamente doente. Ele não se levantou

para receber o visitante, mas estendeu a mão fria e lhe ofereceu boas-vindas com o tom de voz alterado.

— E então — começou Mr. Utterson, tão logo Poole os deixou a sós —, ouviu as notícias?

O médico estremeceu.

— Os jornaleiros estão gritando as manchetes na praça — respondeu ele.

— Ouvi-os da sala de jantar.

— Quero saber apenas uma coisinha — disse o advogado. — Carew era meu cliente, mas você também é, e preciso entender onde estou pisando. Você não cometeu a insanidade de esconder esse sujeito, não é mesmo?

— Utterson, juro por Deus — gritou o médico. — Juro por Deus que nunca mais colocarei os olhos nele. Você tem minha palavra de honra de que rompi relações com ele, para sempre. Coloquei um ponto final em tudo. E, na verdade, ele nem quer

minha ajuda; você não o conhece tanto quanto eu; ele está em segurança, está protegido; acredite no que digo, nunca mais se ouvirá falar dele.

O advogado ouvia contrariado; não estava gostando do comportamento agitado do amigo.

— Você parece ter certeza do destino dele, e, para seu bem, espero que esteja certo. Se houver um julgamento, seu nome pode ser citado.

— Tenho certeza no que se refere a ele — respondeu Jekyll.

— Não posso partilhar com ninguém meus motivos para ter tanta certeza. Entretanto, há um ponto em que gostaria de sua orientação. Eu recebi... recebi uma carta; e realmente não sei se devo mostrá-la à polícia. Quero deixá-la em suas mãos, Utterson; você vai saber o que fazer, tenho certeza; confio plenamente em sua opinião.

— Seu medo, suponho, é que a carta possa levar à prisão de Hyde — arriscou o advogado.

— Não — disse o médico. — Não posso dizer que me importo com o futuro de Hyde; não tenho mais nenhuma relação com ele. Estava preocupado com minha honra, que esse assunto odioso acabou expondo.

Utterson refletiu um pouco; estava surpreso com o egoísmo do amigo, embora isso o deixasse aliviado.

— Bem — disse, por fim —, vejamos a carta.

O texto fora escrito com uma caligrafia estranha, com as letras bastante verticalizadas, e trazia a assinatura de Edward Hyde: e dizia, em resumo, que

o Dr. Jekyll, seu benfeitor, cuja grande generosidade havia muito não era reconhecida, não precisava se preocupar com sua segurança, pois ele estava confiante de que tinha meios para escapar. O advogado gostou bastante da carta; ela pintava aquela intimidade com tons mais suaves do que ele havia imaginado, e isso o fez se sentir culpado pelas suspeitas levantadas no passado.

— Você guardou o envelope? — perguntou.

— Queimei-o antes de refletir sobre o conteúdo — respondeu Jekyll. — Mas não tinha carimbo do correio. Foi entregue por um portador.

— Posso ficar com ela e tomar uma decisão ao amanhecer? — perguntou Utterson.

— Coloco a decisão totalmente em suas mãos. Não confio mais em mim mesmo.

— Bem, vou refletir sobre o assunto — replicou o advogado.

— Tenho só mais uma pergunta: foi Hyde quem ditou os termos de seu testamento sobre seu eventual desaparecimento?

O médico parecia estar prestes a desfalecer; apertou os lábios com força e balançou a cabeça afirmativamente.

- Eu sabia — disse Utterson. — Ele tinha a intenção de matá-lo. Você teve sorte de sair com vida.
- Eu tive muito mais que isso — retrucou o médico com um tom solene.
- Eu aprendi uma lição. Meu Deus, Utterson, que grande lição aprendi! — E, por um momento, cobriu o rosto com as mãos.

Enquanto saía, o advogado parou e trocou algumas palavras com Poole.

- A propósito — disse ele —, uma carta foi entregue aqui, esta manhã: pode descrever o mensageiro?

Mas Poole afirmou categoricamente que nada havia chegado por portador, somente a correspondência trazida pelo carteiro.

- E eram apenas cartas de avisos — acrescentou.

Com tal informação, o visitante partiu, seus temores renovados. Claramente, a carta tinha chegado pela porta do laboratório; na verdade, possivelmente havia sido escrita no gabinete; e, se fosse o caso, deveria ser analisada de forma diferente e encarada com mais cautela. Em seu retorno para casa, os jornalheiros gritavam a plenos pulmões pelas ruas:

- Extra! Extra! Assassinato de membro do Parlamento choca população.

Essa foi a oração fúnebre a um amigo e cliente; Utterson não conseguiu deixar de sentir uma leve apreensão, pois a reputação de outro de seus amigos poderia ser tragada pelo turbilhão de escândalos. No mínimo, a decisão que teria de tomar seria bastante delicada; embora habitualmente fosse autossuficiente, começou a acalentar o desejo de se aconselhar com terceiros. Não tinha a intenção de fazer perguntas diretas; mas, talvez, pensou, pudesse tentar obter ajuda por meios indiretos.

Pouco depois, sentou-se próximo à lareira de seu escritório, com Mr. Guest, seu funcionário mais antigo, acomodado do lado oposto, e, entre os dois, afastada a uma distância calculada da lareira, havia uma garrafa de um vinho envelhecido em condições especiais, armazenado ao abrigo da luz por muito tempo, nos porões de sua casa. O nevoeiro continuava a cobrir a cidade, onde os lampiões reluziam como carbúnculos; e, em meio aos sons abafados e suavizados dessas nuvens baixas, o cortejo de moradores de Londres ainda percorria as grandes artérias com o som de um vento impetuoso. Mas o cômodo se mantinha alegre pela luz que emanava da lareira. Na garrafa, a acidez havia muito se dissipara; com o tempo, o vermelho imperial ficara mais suave, como a cor se torna mais rica nos vitrais; e o fulgor das tardes quentes de outono nas vinhas que crescem nas encostas estava pronto para se libertar e dissipar os nevoeiros londrinos. Sem notar, o advogado baixou a guarda. Não havia outro homem

de quem guardasse menos segredos que Mr. Guest; e, algumas vezes, perguntava-se se não lhe confiava mais do que deveria. Guest com frequência fizera visitas de negócios ao médico; ele conhecia Poole; talvez tivesse ouvido algo sobre a familiaridade de Mr. Hyde com aquela casa; ele poderia tirar suas próprias conclusões: não seria o mais indicado, então, mostrar-lhe a carta que poria fim ao mistério? E, sobretudo, sendo Guest um grande estudioso e especialista em caligrafia, consideraria a tarefa natural e pertinente? O funcionário, além do mais, era um homem com propensão a dar conselhos; dificilmente leria um documento tão estranho sem emitir alguma opinião; e, com base nesse parecer, Mr. Utterson poderia definir o que fazer a seguir.

— É muito triste o que ocorreu com Sir Danvers — comentou ele.

— Sim, senhor, de fato. Despertou uma profunda comoção pública — disse Guest. — O culpado, é claro, não estava em seu juízo perfeito.

— Gostaria de ouvir sua opinião sobre isto — disse Utterson.

— Tenho um documento aqui que foi escrito por ele; é confidencial, pois ainda não

decidi o que fazer a respeito; na melhor das hipóteses, é uma situação atroz. Mas aí está; em suas mãos: o manuscrito de um assassino.

Os olhos de Guest brilharam, e ele se esticou de repente na cadeira e estudou a carta com deleite.

— Não senhor — disse ele. — Ele não perdeu o juízo; mas tem uma caligrafia bastante estranha.

— E, dadas as circunstâncias, quem escreveu também é muito estranho

— acrescentou o advogado.

Neste momento, o criado entrou, trazendo uma mensagem.

— É do Dr. Jekyll, senhor? — perguntou o funcionário. — Pensei ter reconhecido a caligrafia. É um assunto particular, Mr. Utterson?

— Apenas um convite para jantar. Por quê? O senhor quer ver o bilhete?

— Apenas por um momento. Obrigado, senhor. — O funcionário colocou as duas folhas de papel lado a lado e diligentemente comparou seu conteúdo.

— Obrigado, senhor — disse ele, por fim, devolvendo-as. — Há traços caligráficos muito interessantes.

Houve uma pausa, durante a qual Mr. Utterson travou uma batalha interna.

— Por que quis compará-las, Guest? — perguntou de imediato.

- Bem, senhor — respondeu o funcionário —, há uma semelhança bastante singular; há muitos pontos idênticos entre as duas escritas: são apenas inclinadas para lados opostos.
- Bastante curioso — comentou Utterson.
- É, como o senhor disse, bastante curioso — repetiu Guest.
- Devemos ser discretos sobre esta carta, o senhor sabe — disse o patrão.
- Conte com minha discrição, senhor — disse o funcionário.
- Eu compreendo.

Mas, tão logo Mr. Utterson se viu sozinho naquela noite, trancou a carta no cofre, onde permaneceria. “Quem diria!”, pensou. “Henry Jekyll forjando um documento para acobertar um assassino!” E sentiu o sangue gelar nas veias.

CAPÍTULO VI

O notável incidente do Dr. Lanyon

O tempo passou; milhares de libras eram oferecidas em recompensa, pois a morte de Sir Danvers representara uma perda para todos na cidade; mas Mr. Hyde tinha sumido, e a polícia não conseguia localizá-lo; era como se nunca tivesse existido. Grande parte de seu passado fora descoberta, na verdade, mas as informações careciam de credibilidade: lendas eram criadas com base na crueldade do homem, ao mesmo tempo tão insensível e tão violento; sua vida abjeta, seus parceiros obscuros, o ódio que parecia ter cercado sua vida; mas, de seu paradeiro atual, nem uma palavra sequer. Desde que deixara a casa no Soho na manhã do crime, ele havia simplesmente evaporado; e, gradualmente, com o passar do tempo, Mr. Utterson começava a se recuperar da inquietação que o consumia e a ficar mais sereno. A morte de Sir Danvers fora, segundo seu modo de pensar, mais do que reparada pelo desaparecimento de Mr. Hyde. Agora que essa influência maligna saíra de cena, uma nova vida começava para o Dr. Jekyll. Ele havia abandonado sua reclusão, renovara seu relacionamento com os amigos, tornara a ser o convidado e o anfitrião que todos conheciam; e, embora fosse conhecido por seus atos de caridade, agora era igualmente célebre pela

devoção à religião. Ele se mantinha ocupado, passava muito tempo ao ar livre, dedicava-se a fazer o bem; seu rosto parecia desabrochar e se iluminar com uma vontade de servir ao próximo; havia mais de dois meses que vivia em paz.

No dia 8 de janeiro, Utterson jantou na casa do médico com um pequeno grupo de convivas; Lanyon esteve lá; e o anfitrião encarou a ambos como nos

velhos tempos, quando os três eram amigos inseparáveis. No dia 12, e outra vez no dia 14, o advogado foi impedido de entrar.

— O doutor está confinado em seus aposentos — explicou Poole —, e não quer receber ninguém.

No dia 15, tentou novamente, e mais uma vez sua visita foi negada; estando acostumado a encontrar seu amigo quase diariamente nos últimos dois meses, achou bastante deprimente esse retorno à solidão. Na quinta noite, Guest foi jantar com ele; e, na sexta, foi à casa do Dr. Lanyon.

Lá, ao menos, sua entrada não foi impedida; porém, quando chegou, ficou chocado com a mudança ocorrida no semblante do médico. Uma sentença de morte parecia estar estampada em seu rosto. O homem antes corado agora apresentava uma palidez intensa; tinha a pele flácida; ele estava visivelmente mais calvo e mais envelhecido; e mesmo assim não foram esses sinais de uma rápida deterioração física que deixaram o

advogado mais apreensivo, mas sim seu olhar e seu comportamento, que pareciam atestar a existência de algum terror profundo em sua mente. Era pouco provável que o médico estivesse com medo da morte; e, mesmo assim, Utterson se viu tentado a levantar tal suspeita. “É isso”, pensou ele. “Sendo médico, ele deve saber o estado em que se encontra e que seus dias estão contados; e esse conhecimento é uma carga maior do que consegue suportar.” Contudo, quando comentou sobre sua aparência doente, foi com uma voz resoluta que Lanyon se declarou um homem condenado.

— Levei um choque, e nunca mais vou me recuperar. É apenas uma questão de semanas. Bem, minha vida foi agradável; eu gostava de viver; sim senhor, eu costumava apreciar a vida. Às vezes penso que, se tivéssemos consciência de tudo, partiríamos mais contentes.

— Jekyll também está doente — observou Utterson. — Você o viu recentemente?

A fisionomia de Lanyon mudou de repente, e ele levou ao alto a mão trêmula.

— Não quero mais ver nem ouvir falar do Dr. Jekyll — declarou com uma voz alta e oscilante. — Estou farto dele; e peço que me poupe de qualquer alusão a essa pessoa. Para mim, ele está morto.

— Tsc — disse Mr. Utterson; e então, após uma pausa demorada, prosseguiu: — Posso fazer algo para ajudá-lo? —

perguntou. — Somos três velhos amigos, Lanyon; não viveremos o suficiente para fazer novas

amizades assim.

— Nada pode ser feito — retrucou Lanyon. — Pergunte a ele.

— Ele se nega a me receber — disse o advogado.

— Isso não me surpreende. Algum dia, Utterson, depois que eu tiver deixado este mundo, talvez você venha a compreender o que é certo e o que é errado nesta história toda. Não posso lhe contar. Enquanto esse dia não chega, se quiser sentar e conversar sobre outras coisas, pelo amor de Deus, fique e conversaremos; mas, se fizer questão de falar sobre este assunto amaldiçoado, então, em nome de Deus, vá embora, pois estou no meu limite.

Assim que voltou para casa, Utterson se sentou e escreveu para Jekyll, queixando-se de ter sido impedido de visitá-lo e perguntando a causa do infeliz rompimento com Lanyon; e o dia seguinte lhe trouxe a resposta na forma de uma longa carta, em muitos pontos redigida de forma patética, e em outros com um texto sombrio e misterioso. O conflito com Lanyon era irreparável. “Não culpo nosso velho amigo”, escreveu Jekyll, “mas concordo com ele quando diz que não devemos voltar a nos encontrar. Pretendo levar uma vida de extrema reclusão de agora em diante; não se surpreenda nem duvide de minha amizade se minha porta permanecer fechada,

até mesmo para você. Deixe-me seguir meu caminho sombrio. Impus a mim mesmo um castigo e um perigo que não consigo nomear. Se sou o maior dos pecadores, também sou o maior dos sofredores. Eu não podia imaginar que esta terra abrigasse sofrimentos e terrores tão primitivos; Utterson, há apenas uma coisa que você pode fazer para abrandar este destino: respeitar meu silêncio.” Utterson ficou atônito; a influência sombria de Hyde cessara, o médico voltara a seus antigos afazeres e amenidades; uma semana antes, o futuro havia lhes sorrido com muitas promessas de um envelhecimento honrado e ditoso; e agora, em uma fração de segundos, a amizade, a paz de espírito e todo o propósito de sua vida estavam destroçados. Uma mudança tão intensa e inesperada poderia ser indicativa de insanidade; mas, considerando o comportamento e o discurso de Lanyon, o problema devia jazer em algum nível mais profundo.

Uma semana mais tarde, o Dr. Lanyon ficou acamado, e menos de duas semanas depois estava morto. Na noite seguinte ao funeral, que deixara Utterson triste e abalado, o advogado se trancou em seu escritório e, sentado à luz de uma vela melancólica, apanhou e colocou diante de si um envelope com o nome do destinatário manuscrito e lacrado com o selo de seu falecido

amigo. “CONFIDENCIAL: para ser aberto EXCLUSIVAMENTE por G. J. Utterson, e, no caso de seu falecimento, que seja

destruído sem ser lido”, estava sobrescrito de maneira enfática; e o advogado temia enfrentar seu conteúdo. “Enterrei um amigo hoje”, pensou. “Será que isto vai me custar outro?” E então considerou que o medo seria uma forma de deslealdade e rompeu o lacre. Havia outro envelope no interior, igualmente selado e contendo a frase “não deve ser aberto antes da morte ou do desaparecimento do Dr. Henry Jekyll”. Utterson não acreditava no que estava vendo. Sim, a palavra “desaparecimento”; aqui novamente, como no testamento insano que ele restituíra havia muito tempo ao autor, mais uma vez se deparava com a ideia de desaparecimento e o nome de Henry Jekyll associado a ela. Entretanto, no testamento, a ideia havia brotado da mente sinistra do tal Hyde; fora inserida com um propósito muito claro e macabro. Escrito pelas mãos de Lanyon, o que poderia significar? Uma imensa curiosidade se apossou do fiel depositário, um desejo de não respeitar a proibição e mergulhar de cabeça naquele mistério; mas a honra profissional e a lealdade ao amigo falecido eram compromissos relevantes; e o objeto foi acomodado no canto mais reservado de seu cofre pessoal.

Aplacar a curiosidade é uma coisa, vencê-la é outra bem diferente; e pode-se pôr em dúvida se, daquele dia em diante, Utterson continuava a desejar com igual intensidade a companhia do amigo sobrevivente. Pensava nele com brandura; mas seus pensamentos eram inquietos e temerosos. De fato, chegou a tentar visitá-lo, mas talvez tenha ficado até

feliz por não ter sua entrada autorizada; quem sabe, no fundo do coração, preferisse falar com Poole, sem passar da porta principal, circundado pelos sons e pelo ar da cidade ampla, em vez de ser admitido naquela fortaleza de clausura voluntária e se sentar e conversar com seu recluso impenetrável. Poole, de fato, carecia de notícias muito agradáveis a relatar. O médico, aparentemente, agora estava ainda mais confinado ao gabinete sobre o laboratório, onde às vezes passava a noite; sentia-se sem ânimo, tornara-se muito quieto, não lia; parecia estar com a mente tomada por algo indefinível. Utterson ficou tão acostumado ao caráter invariável desses relatos que pouco a pouco suas visitas se tornaram cada vez mais raras.

CAPÍTULO VII

O incidente à janela

No domingo, foi por obra do destino que, quando Mr. Utterson fazia sua habitual caminhada com Mr. Enfield, seu caminho mais uma vez passou por aquela ruela; e que, quando se viram diante da porta, ambos pararam para contemplá-la.

— Bem — observou Enfield —, essa história chegou ao fim, pelo menos.

Nunca mais veremos Mr. Hyde.

— Assim espero — disse Utterson. — Já lhe contei que certa vez o vi e senti por ele a mesma repulsa que você sentiu?

— Era impossível olhar para ele e não ter tal sentimento — replicou Enfield. — E, a propósito, você deve ter me considerado um idiota por não saber que esta era a porta dos fundos da casa do Dr. Jekyll! Foi em parte por culpa sua que acabei descobrindo, mesmo tendo demorado tanto.

— Mas acabou descobrindo, não? — disse Utterson. — Nesse caso, por que não entramos no pátio e damos uma boa olhada nas janelas? Para dizer a verdade, estou apreensivo em relação ao pobre Jekyll; e, mesmo sem entrarmos, sinto que a presença de um amigo poderá lhe fazer bem.

O pátio estava muito frio e um pouco úmido, e havia sido tomado por um crepúsculo extemporâneo, embora o céu, lá no alto, ainda brilhasse com o pôr do sol. Das três janelas, a do meio estava entreaberta; e, sentado próximo a ela, tomando a fresca com uma aparência de tristeza infinita, como um prisioneiro desconsolado, Utterson avistou o Dr. Jekyll.

— Quem diria! Jekyll! — exclamou. — Espero que esteja se sentindo

melhor.

— Não estou nada bem, Utterson — respondeu o doutor tristemente. — Nada bem. Mas não vai durar muito, graças a Deus.

— Você passa tempo demais confinado em casa — comentou o advogado.

— Você deveria dar umas voltas, ativar a circulação, como eu e Enfield. (Este é meu primo, Mr. Enfield. Dr. Jekyll.) Venha agora; pegue seu chapéu e vamos dar uma voltinha.

— É muita bondade sua — suspirou o outro. — Eu gostaria muitíssimo; mas não, não, não, é impossível; não me atrevo a sair. Mesmo assim, Utterson, estou muito feliz em revê-lo; é realmente um imenso prazer; eu convidaria você e Mr. Enfield para subir, mas este local não está em condições de receber visitas.

— Paciência, então — disse o advogado, com bom humor. — A melhor coisa a fazer é ficar aqui e conversar com você de onde estamos.

— Era exatamente o que eu estava prestes a propor — respondeu o médico com um sorriso.

Porém, mal as palavras foram balbuciadas, o sorriso congelou em seu rosto, sendo sucedido por uma expressão de desespero e terror abjeto, o que gelou o sangue dos dois cavalheiros no pátio. A visão durou poucos instantes, pois a janela foi fechada de imediato; mas o pouco que viram já foi suficiente, e os dois se viraram e saíram do pátio sem uma palavra. Ainda em silêncio, atravessaram a rua; foi somente quando chegaram a uma área vizinha, onde mesmo aos domingos havia sinais de vida, que Mr. Utterson por fim se virou e olhou para seu companheiro. Ambos estavam pálidos; seus olhos expressavam um horror profundo.

— Que Deus nos perdoe, que Deus nos perdoe — disse Mr. Utterson.

Mas Mr. Enfield apenas assentiu com a cabeça, muito sério, e voltou a caminhar, em silêncio.

CAPÍTULO VIII

A última noite

Mr. Utterson estava sentado junto à lareira, uma noite após o jantar, quando foi surpreendido por uma visita de Poole.

— Com a graça de Deus, Poole, o que o traz aqui? — exclamou; e, depois de olhar mais atentamente para ele, perguntou: — O que o aflige? — E acrescentou: — O doutor está doente?

— Mr. Utterson — começou o mordomo —, há algo errado.

— Sente-se, e tome este cálice de vinho — disse o advogado.

— Agora, com calma, diga o que está acontecendo.

— O senhor conhece o jeito do doutor — respondeu Poole —, e como ele anda recluso. Bem, ele se trancou novamente no gabinete; e isso não me agrada, senhor. Não me agrada nem um pouco. Mr. Utterson, senhor, estou com medo.

— Bem, meu bom homem — disse o advogado —, seja mais claro. Do que o senhor tem medo?

— Tenho medo há cerca de uma semana — retomou Poole, obstinadamente desconsiderando a pergunta —, e não posso mais suportar.

A aparência do homem era compatível com suas palavras; seus gestos estavam alterados para pior; e, com exceção do momento inicial, em que havia confessado seu terror, não havia mais encarado o advogado. Mesmo agora, estava sentado com o cálice de vinho intocado sobre os joelhos, e os olhos baixos, fixos em um canto da sala.

— Não posso mais suportar — repetiu.

— Eu entendo — disse o advogado. — Vejo que tem um bom motivo, Poole; noto que há algo muito errado. Tente me contar o que é.

— Acho que houve um delito — explicou Poole, com a voz rouca.

— Delito! — exclamou o advogado, muito assustado e bastante inclinado a ficar irritado por isso. — Um delito! O que o senhor está querendo dizer?

— Não me atrevo a contar; mas o senhor não poderia me acompanhar e ver por si mesmo?

A única resposta de Mr. Utterson foi se levantar e pegar o chapéu e o sobretudo; mas observou com admiração o profundo alívio que o rosto do mordomo transpareceu e, talvez com igual admiração, que o cálice de vinho permanecia intocado quando partiram.

Era uma noite erma, fria e típica de março, com uma lua crescente pálida, como se o vento a tivesse erodido, e com nuvens esparsas com sua textura diáfana e delicada. O vento dificultava a conversa e deixava os rostos avermelhados. Além disso, parecia ter varrido as pessoas das ruas, deixando-as mais vazias que o usual; Mr. Utterson não se lembrava de já ter visto essa parte de Londres tão deserta. Ele ansiava que a situação fosse outra; nunca em sua vida tivera um desejo tão ávido de ver e tocar seus semelhantes; pois, por mais que lutasse contra isto, sua mente estava dominada pelo pressentimento avassalador de uma calamidade. A praça, quando chegaram, estava cheia de poeira e vento, e as árvores finas no jardim chicoteavam as grades de metal. Poole, que durante todo o caminho se mantivera um passo ou dois à frente, parou no meio da calçada, e, apesar do clima mordaz, tirou o chapéu e enxugou a fronte com um pequeno lenço vermelho. Porém, mesmo com toda a pressa de sua vinda, não era por exaustão que transpirava, mas a umidade de alguma angústia sufocante; seu rosto estava pálido e sua voz, quando ele falava, soava esganiçada e irregular.

— Bem, senhor — disse ele —, aqui estamos, e Deus queira que não haja nada de errado.

— Deus queira, Poole — disse o advogado.

Assim sendo, o criado bateu à porta de forma bastante reservada; ela foi entreaberta com a corrente ainda presa; e uma voz perguntou lá de dentro:

— É você, Poole?

— Está tudo bem — disse Poole. — Abra a porta.

O vestíbulo, ao entrarem, estava bastante iluminado; o fogo na lareira ardia alto; e, ao seu redor, toda a criadagem, homens e mulheres, estava

reunida e exausta, como um rebanho de ovelhas. Ao ver Mr. Utterson, a governanta teve uma crise de choro histérico; e a cozinheira, clamando “Que Deus seja louvado! É Mr. Utterson”, correu em sua direção, como se fosse abraçá-lo.

— O que significa isto? Estão todos aqui? — perguntou Utterson, exasperado. — Muito irregular, muito inconveniente; seu patrão não ficaria nada satisfeito.

— Estão todos com muito medo — explicou Poole.

Houve um período de silêncio absoluto, ninguém discordou; apenas a camareira ergueu a voz e começou a chorar alto.

— Quieta! — disse Poole a ela, com uma ferocidade na voz que deixava evidente o quanto seus nervos estavam abalados; e, de fato, quando a moça de repente elevou o tom de seu lamento, todos ficaram alarmados e se viraram para a porta interna, com rostos expressando uma expectativa terrível. — E agora — continuou o mordomo, abordando o jovem copeiro —, dê-me uma vela, e vamos enfrentar a situação de uma vez por todas.

Então pediu que Mr. Utterson o seguisse e lhe mostrou o caminho para o jardim dos fundos.

— Agora, senhor — disse ele —, faça o mínimo de barulho possível. Quero que ouça, não que seja ouvido. E tome cuidado, senhor; se por acaso ele convidá-lo a entrar, não aceite.

Os nervos de Mr. Utterson, após esta última frase inesperada, ficaram à flor da pele e ele quase se deixou afetar; mas recuperou a coragem e seguiu o mordomo para o interior do prédio do laboratório e através do anfiteatro, com seus amontoados de caixas e frascos, até chegarem ao pé da escada. Lá, Poole o orientou a ficar de um lado e escutar; enquanto o mordomo, pousando a vela e tornando evidente sua resolução, subia os degraus e batia um pouco hesitante à baeta vermelha da porta do gabinete.

— Mr. Utterson, senhor, pede para vê-lo — anunciou ele; e, neste momento, acenou com mais veemência para que o advogado ouvisse com atenção.

Uma voz soou lá de dentro.

— Diga-lhe que não quero ver ninguém — respondeu em tom de reclamação.

— Obrigado, senhor — disse Poole, com um tom de triunfo na voz. Voltando a pegar a vela, ele levou Mr. Utterson de volta pelo jardim e

para a grande cozinha, onde o fogo estava apagado e besouros corriam pelo chão.

— Senhor — começou ele, fitando Mr. Utterson nos olhos —, aquela era a voz de meu patrão?

— Parecia muito alterada — respondeu o advogado, muito pálido, mas encarando-o de frente.

— Alterada? Bem, sim, penso que sim — disse o mordomo. — Trabalhei vinte anos na casa deste homem para estar enganado sobre sua voz? Não senhor; fizeram algo com meu patrão; sumiram com ele oito dias atrás, quando nós o ouvimos gritar invocando o nome de Deus; e quem está lá dentro no lugar dele e por que está lá são perguntas que somente Deus tem a resposta, Mr. Utterson!

— Esta situação está muito estranha, Poole; é tudo muito bizarro, meu bom homem — disse Mr. Utterson, mordiscando o próprio dedo. — Suponhamos que as coisas sejam como o senhor afirma, suponhamos que o Dr. Jekyll tenha sido... digamos, assassinado. Por que o assassino permaneceria aqui? Essa versão não se sustenta; não faz o menor sentido.

— Bem, Mr. Utterson, parece difícil convencê-lo, mas ainda vou conseguir — retrucou Poole. — Nesta semana que passou, devo lhe dizer, ele, ou aquilo, seja lá o que for que está naquele gabinete, ficou gritando noite e dia, pedindo algum tipo de medicamento e sem conseguir obter exatamente o que desejava. Às vezes, era do feitio dele, de meu patrão, quero

dizer, escrever seus pedidos em uma folha de papel e jogá-la nos degraus da escada... Na semana que passou, não tivemos nada além disso; nada a não ser bilhetinhos e uma porta fechada, e todas as refeições deixadas lá para serem carregadas para dentro, quando ninguém estivesse olhando. Bem, senhor, todo dia, sim, e alguns dias duas ou três vezes, recebemos pedidos e queixas, e recebi ordens de ir a todos os atacadistas de produtos químicos da cidade. Toda vez que eu trazia o produto para casa havia outro bilhete me mandando devolvê-lo, porque não era puro o suficiente, e outro pedido para outra empresa diferente. A tal droga era muito necessária, senhor, fosse qual fosse seu uso.

— E o senhor guardou algum desses bilhetes? — perguntou Mr.

Utterson.

Poole tateou o bolso e lhe entregou um bilhete amassado, que o advogado, inclinando-se para mais perto da vela, examinou com atenção. Seu

texto dizia o seguinte: “O Dr. Jekyll apresenta seus cumprimentos aos senhores Maw. Ele garante que a última amostra recebida é impura e completamente inútil para seus propósitos atuais. No ano de 18—, o Dr. J. comprou uma quantidade um pouco grande dos senhores M. Agora lhes pede que a procurem com o máximo cuidado, e, se tiverem qualquer

quantidade de produto da mesma qualidade, enviem para ele imediatamente. O preço não importa. A importância desse produto para o Dr. J. dificilmente poderá ser exagerada.” Até este ponto, a carta se apresentava bastante adequada, mas aqui, com um súbito borrão de tinta, a emoção do autor do bilhete havia aflorado. “Pelo amor de Deus”, acrescentara, “encontrem um pouco do produto antigo.”

— Este bilhete é estranho — comentou Mr. Utterson; e então completou argutamente: — Como foi parar em suas mãos?

— O atendente na Maw ficou bem zangado, senhor, e o jogou em mim como se fosse lixo — respondeu Poole.

— É inquestionável que tenha sido escrito pela mão do doutor, correto?

— retomou o advogado.

— Achei que parecia a caligrafia dele — disse o criado bastante ressentido; e, em seguida, com outro tom de voz, continuou: — Mas o que importa a mão que escreveu? Eu o vi!

— Viu? — confirmou Mr. Utterson. — Viu mesmo?

— É isso! — disse Poole. — Foi assim. Eu entrei de repente no anfiteatro, vindo do jardim. Parece que ele tinha dado uma escapadinha para procurar o tal produto, ou seja lá o que for; pois a porta do gabinete estava aberta, e lá estava ele, no outro extremo da sala, revirando as caixas. Ele olhou para cima quando entrei, deu uma espécie de grito e subiu as escadas

para o gabinete correndo. Consegui vê-lo por apenas um minuto, mas fiquei arrepiado, com os cabelos em pé. Senhor, se era mesmo meu patrão, por que estava usando uma máscara cobrindo o rosto? Se era meu patrão, por que guinchou como um rato e fugiu de mim? Fui seu criado por muito tempo. E então... — O homem fez uma pausa e passou a mão no rosto.

— São circunstâncias realmente muito estranhas — disse Mr. Utterson

—, mas acho que começo a enxergar a luz. É evidente que seu patrão, Poole, sofre de um daqueles males que torturam e deformam a vítima; isso explicaria, até onde vai meu entendimento, a alteração da voz, a máscara e o fato de estar fugindo dos amigos; explicaria sua ânsia de encontrar essa tal

droga, em que a pobre alma deposita um resto de esperança de se recuperar no fim. Deus queira que ele não esteja enganado! Essa é minha explicação; é bem triste, Poole, sim, e algo terrível de admitir; mas é simples e natural, tudo se encaixa e nos livra de sofrermos com preocupações excessivas.

— Senhor — disse o mordomo, ficando com a face pálida e acinzentada

—, aquela coisa não era meu patrão, e esta é a verdade. Meu patrão — neste momento, ele olhou em volta e passou a sussurrar — é um homem alto e bem-apessoado, e o que vi era quase um anão. — Utterson tentou argumentar. — Meu senhor

— Poole elevou a voz —, acha mesmo que, depois de vinte anos, não reconheceria meu patrão? Acha que não sei em que altura a cabeça dele bate na porta do escritório, onde o vi todas as manhãs de minha vida? Não senhor, aquela coisa de máscara nunca foi o Dr. Jekyll. Só Deus sabe o que era, mas nunca foi o Dr. Jekyll; e, no fundo do coração, sinto que houve um assassinato.

— Poole — respondeu o advogado —, se diz isso, torna-se meu dever averiguar. Apesar de desejar poupar seu patrão de incômodos e de estar intrigado com esta nota que parece provar que ele ainda está vivo, devo considerar meu dever arrombar aquela porta.

— Ah, Mr. Utterson, belas palavras! — exclamou o mordomo.

— E agora vem a segunda pergunta — retomou Utterson. — Quem vai fazer o serviço?

— Ora, nós dois, senhor — respondeu Poole de forma resoluta.

— Uma decisão acertada — declarou o advogado. — E, aconteça o que acontecer, assumo a responsabilidade, para garantir que o senhor não seja penalizado.

— Há um machado no anfiteatro — prosseguiu Poole. — Pode pegar também o atizador da cozinha.

O advogado tomou o primeiro, o instrumento rudimentar mas pesado, e o balançou, ensaiando os movimentos.

— Sabe, Poole — disse ele, olhando para cima —, que estamos prestes a nos colocar em uma situação de perigo?

— Pode-se dizer que sim, senhor, de fato — respondeu o mordomo.

— Então, convém que sejamos francos — continuou o outro.

— Sabemos mais do que dissemos; vamos abrir nossos corações. Essa figura mascarada que viu, conseguiu reconhecê-la?

— Bem, senhor, foi muito rápido, e a criatura estava tão curvada que

seria difícil ter certeza. Mas o senhor quer saber se era Mr. Hyde? Bem, sim, acho que era! Veja, tinha quase a mesma compleição; e o mesmo jeito rápido, de passos leves, e, ainda, quem mais poderia ter entrado pela porta do laboratório? O senhor se lembra de que, na ocasião do crime, ele ainda estava com a chave? Mas isso não é tudo. Não sei, Mr. Utterson, se já encontrou o tal Mr. Hyde.

— Sim — disse o advogado —, conversei com ele uma vez.

— Então deve saber tão bem quanto todos nós que havia algo estranho com esse cavalheiro, algo perturbador. Não sei ao certo como explicar, senhor, além disto: algo capaz de fazer qualquer um sentir um arrepio no fundo da alma.

— Confesso que também senti algo assim como o senhor descreve — disse Mr. Utterson.

— Isso mesmo, senhor — concordou Poole. — Bem, quando aquela coisa mascarada, parecendo um macaco, saltou entre os produtos químicos e subiu correndo para o gabinete, um arrepio percorreu minha espinha. Ah, sei que isso não serve como prova de nada, Mr. Utterson; li bastante para saber; mas um homem tem seus sentimentos, e posso jurar sobre a Bíblia que aquele era Mr. Hyde!

— Sim, sim — disse o advogado. — Meus temores tendem para a mesma direção. Havia algo de mau naquela relação... e era certo que esse mau iria contaminá-la. Sim, é verdade, acredito no que diz; acredito que o pobre Henry esteja morto; e acredito que seu assassino, por que motivo, só Deus sabe, ainda está à espreita no quarto da vítima. Bem, vamos ter de fazer justiça. Vá buscar Bradshaw.

O lacaios atendeu à convocação, muito pálido e nervoso.

— Reconstitua-se, Bradshaw — disse o advogado. — Este suspense, eu bem sei, está consumindo todos; mas agora nossa intenção é pôr um fim a esta situação. Poole e eu vamos entrar à força naquele gabinete. Se tudo estiver bem, assumirei a culpa. Enquanto isso, para que nada fuja dos planos, e para que nenhum malfeitor tente escapar pelos fundos, o senhor e o garoto terão de sair e dar a volta na esquina com dois grandes

pedaços de pau e montar guarda na porta do laboratório.

Daremos dez minutos para chegarem a seus postos.

Quando Bradshaw saiu, o advogado olhou para o relógio.

— E agora, Poole, vamos ficar a postos — disse; e, colocando o atizador

debaixo do braço, adiantou-se em direção ao pátio.

As nuvens cobriam a lua, e agora a escuridão era total. O vento, que soprava fraco e produzia correntes de ar naquele recanto profundo da casa, fazia a chama da vela bruxulear conforme eles andavam, até que chegaram ao anteparo do anfiteatro, onde se sentaram para uma vigília silenciosa. Os ruídos de Londres soavam como uma canção solene ao redor da casa; porém, no interior da residência, a quietude só era quebrada pelo som de passos, de lá para cá, sobre o piso do gabinete.

— Então a coisa vai continuar andando assim o dia todo, senhor — sussurrou Poole. — Sim, e boa parte da noite.

Somente quando chega uma nova amostra dos químicos há uma pequena interrupção. Ah, para perder o sono desse jeito, só mesmo uma consciência muito pesada! Ah, senhor, há sangue de inocentes derramado a cada passo dessa criatura! Mas ouça novamente, um pouco mais de perto, com o coração, Mr. Utterson, e me diga: esses passos são do doutor?

Os passos eram leves e estranhos, com certo ritmo, e ficavam cada vez mais lentos; eram de fato diferentes do andar pesado e barulhento de Henry Jekyll. Utterson suspirou.

— Não se ouve mais nada? — perguntou. Poole assentiu com a cabeça.

— Uma vez — disse ele. — Uma vez, escutei um choro!

— Um choro? Como assim? — perguntou o advogado, percebendo um súbito arrepio de horror.

— Um choro como uma donzela ou uma alma perdida — explicou o mordomo. — Afastei-me com o som daquilo em meu coração, e quase acabei chorando também.

Então os dez minutos se passaram. Poole retirou o machado de um monte de palha das caixas; colocou a vela sobre a mesa mais próxima, para que pudessem ter iluminação no momento do ataque; e eles se aproximaram, prendendo a respiração, até chegarem ao local onde os pés pacientes iam de um lado para o outro, de um lado para o outro, no silêncio da noite.

— Jekyll — bradou Utterson, com voz firme —, quero ver você. Houve uma pausa por um momento, mas nenhuma resposta.

— Eu lhe aviso, nossa desconfiança vem crescendo, preciso e vou vê-lo

— retomou ele. — Se não for por bem, será por mal. Se não me der seu consentimento, usaremos força bruta!

— Utterson — disse a voz —, pelo amor de Deus, tenha piedade!

— Ah, essa não é a voz de Jekyll; é a de Hyde! — exclamou Utterson. — Ponha a porta abaixo, Poole!

Poole ergueu o machado; o golpe abalou a construção, e a porta de baeta vermelha tremeu contra a fechadura e as dobradiças. Um grito melancólico, como o de um animal aterrorizado, ecoou no gabinete. E o machado golpeou de novo, e mais uma vez, as almofadas da porta racharam e o batente estremeceu; quatro golpes foram desferidos; mas a madeira era dura e as ferragens eram de excelente feitura; e foi somente no quinto movimento que a trava cedeu e a porta caiu para dentro, sobre o tapete.

Os sitiantes, horrorizados com sua própria rebelião e com a quietude que se instalara, deram um passo atrás e espiaram o interior. O gabinete se descortinava diante de seus olhos à luz de um lampião, o fogo brilhava crepitante na lareira, uma chaleira assoviava sua suave melodia, uma gaveta ou duas escancaradas, papéis empilhados de maneira ordenada sobre a escrivaninha e, mais perto da lareira, as louças aguardavam o chá; seria possível dizer que era o cômodo mais silencioso de todos; não fosse pelos grandes armários com portas de vidro, cheios de produtos químicos, aquela seria a noite mais trivial de Londres.

Bem no meio jazia o corpo de um homem extremamente distorcido e que ainda se contraía. Aproximaram-se na ponta dos pés e, após virá-lo de costas, depararam-se com o rosto de Edward Hyde. Vestia roupas grandes demais para seu corpo atarracado, mas adequadas à estatura do médico; os músculos de seu rosto ainda se contraíam, o que lhe dava uma aparência de vida, mas a vitalidade havia muito já se perdera: e, pelo frasco quebrado na mão e pelo cheiro forte de amêndoas amargas que pairava no ar, Utterson sabia que estava diante do corpo de alguém que dera cabo à própria vida.

— Chegamos tarde demais — declarou ele com gravidade —, fosse para salvar ou para punir. Hyde foi prestar contas; e nos resta encontrar o corpo de seu patrão.

A maior parte da construção era ocupada pelo anfiteatro, que tomava quase todo o andar térreo e recebia iluminação do teto, e pelo gabinete, que formava um mezanino de um lado e estava voltado para o pátio. Um corredor unia o anfiteatro à porta que dava para a ruela; com isso o gabinete tinha um acesso independente, por um segundo lance de escadas. Havia ainda alguns cubículos escuros e uma adega espaçosa. Todos esses cômodos

agora estavam sendo examinados cuidadosamente. Para os cubículos bastava um olhar de relance, pois todos se encontravam vazios, e todos, pela poeira que caiu de suas

portas, pareciam ter ficado muito tempo fechados. A adega, por sua vez, estava atulhada com velharias, a maioria herança dos tempos do cirurgião que antecedeu Jekyll; mas, ao abrirem a porta, entenderam a inutilidade de prosseguir as buscas ao se depararem com um manto de teias de aranha perfeito que havia anos selava a entrada. Não havia sequer vestígios de Henry Jekyll, vivo ou morto.

Poole bateu o pé com força nas tábuas do assoalho do corredor.

— Ele deve ter sido enterrado aqui — disse ele, ouvindo com atenção o som da batida.

— Ou pode ter escapado — sugeriu Utterson, e se virou para observar a porta que dava para os fundos.

Estava trancada; jogada perto das lajes do chão, encontraram a chave, já enferrujada.

— Não parece ter sido muito usada — observou o advogado.

— Usada! — ecoou Poole. — Não vê, senhor, está quebrada? Como se alguém tivesse pisado nela.

— Sim — concordou Utterson —, e as partes em que se quebrou estão enferrujadas também. — Os dois homens se entreolhavam com pavor. — Isto vai além de minha compreensão, Poole — disse o advogado. — Vamos voltar para o gabinete.

Eles subiram a escada em silêncio, e, lançando ocasionais olhares boquiabertos para o cadáver, passaram a fazer uma análise mais detalhada do conteúdo do gabinete. Em uma mesa, havia vestígios de experimentos químicos, vários montinhos do mesmo tamanho de um sal branco colocados em pequenos pratos de vidro, como se fossem ser usados em algo que o pobre homem fora impedido de concluir.

— Esta é a mesma droga que eu sempre trazia para o doutor — disse Poole; enquanto falava, a chaleira ferveu com um zumbido surpreendente.

Isto os levou à lareira, que tinha uma poltrona perto, em um lugar aconchegante; o serviço de chá estava posto, à altura do cotovelo de quem ali sentasse, e a xícara já fora até mesmo servida com açúcar. Havia vários livros em uma prateleira; um deles estava aberto, ao lado do serviço de chá, e Utterson ficou atônito ao perceber que se tratava de uma obra religiosa pela qual Jekyll muitas vezes demonstrara grande estima, mas que estava repleta

de anotações feitas pelo próprio médico, com blasfêmias assustadoras.

Em seguida, continuando a análise do cômodo, eles se aproximaram do espelho pivotante, em cujas profundezas olharam com um pavor involuntário. Mas ele estava tão inclinado para cima que a única coisa que conseguiram ver foi

o brilho róseo iluminando o teto, o fogo crepitando em centenas de pequenos reflexos nas portas de vidro dos armários e seus próprios rostos, empalidecidos e amedrontados, parados, olhando para o reflexo.

— Esse espelho já testemunhou coisas estranhas, senhor — sussurrou Poole.

— E certamente nenhuma mais estranha do que ele próprio — refletiu o advogado igualmente tocado. — Para que Jekyll...

— Ele parou assustado ao começar a falar, e então criou coragem e prosseguiu: — Para que Jekyll usaria um desses?

— Excelente pergunta! — disse Poole.

Em seguida, voltaram-se para a escrivaninha. Ali, no topo da organizada pilha de papéis, havia um envelope grande, que trazia, escrito com a caligrafia do médico, o nome de Mr. Utterson. O advogado rompeu o lacre do envelope, e vários papéis guardados nele caíram no chão. O primeiro era um testamento, redigido nos mesmos termos excêntricos daquele que havia devolvido seis meses antes, para servir como evidência em caso de morte e como uma escritura de doação em caso de desaparecimento; porém, no lugar do nome de Edward Hyde, o advogado, com indescritível espanto, leu o nome de Gabriel John Utterson. Ele olhou para Poole e de novo para o papel, e por fim para o facínora morto, estirado sobre o tapete.

— Minha cabeça está girando — disse ele. — Durante todos esses dias ele teve isto em suas mãos; não tinha motivo para gostar de mim; deve ter ficado enfurecido ao perceber que foi substituído; e mesmo assim não destruiu este documento.

Pegou o papel seguinte; era um bilhete curto, escrito com a letra do médico e datado na parte superior.

— Veja, Poole! — gritou o advogado. — Ele estava aqui, e vivo, hoje. Não seria possível se livrar de seu corpo em um espaço de tempo tão curto; Jekyll ainda deve estar vivo, deve ter escapado! E então, por que fugiu? E como? E, nesse caso, podemos declarar com segurança que isto foi suicídio? Ah, temos de ser diligentes. Desconfio de que ainda podemos envolver seu

patrão em alguma catástrofe terrível.

— Por que não lê o bilhete, senhor? — perguntou Poole.

— Porque estou com medo — respondeu o advogado solenemente. — Deus queira que seja infundado!

E, assim, colocou o papel diante dos olhos e leu o seguinte:

Meu caro Utterson,

quando isto chegar a suas mãos, já devo ter desaparecido, sob que condições não tenho como prever, mas meu instinto e todas as circunstâncias de minha situação inominável me dizem que o fim é certo e deve estar próximo. Então, prossiga, e leia primeiro a narrativa que Lanyon me advertiu de que iria fazer chegar a suas mãos; e, se ainda estiver interessado em saber mais, volte-se para a confissão de seu amigo indigno e infeliz,

HENRY JEKYLL.

- Havia um terceiro documento? — perguntou Utterson.
- Aqui está, senhor — disse Poole, e lhe entregou um pacote volumoso, selado em vários lugares.

O advogado o colocou no bolso.

- Guardaremos sigilo sobre este documento. Se seu patrão fugiu ou se estiver morto, ao menos preservaremos sua reputação. São dez horas; devo voltar para casa e ler estes documentos a sós; mas estarei de volta antes da meia-noite, quando então chamaremos a polícia.

Eles saíram, trancando a porta do anfiteatro, e Utterson, mais uma vez deixando os criados reunidos em torno da lareira do vestíbulo, caminhou lentamente de volta para seu escritório, a

fim de ler as duas narrativas em que tal mistério seria esclarecido.

CAPÍTULO IX

A narrativa do Dr. Lanyon

No dia 9 de janeiro, quatro dias atrás, recebi pelo correio vespertino um envelope registrado, endereçado com a caligrafia de meu companheiro e velho amigo Henry Jekyll. Fiquei bastante surpreso com o ocorrido; pois não tínhamos hábito de trocar correspondências; eu vira o homem; de fato, jantara com ele na noite anterior; e não podia imaginar nada ocorrido em nosso encontro que justificasse a formalidade de uma mensagem registrada. O conteúdo aumentou meu espanto; pois era este:

10 de dezembro de 18—.

Caro Lanyon,

você é um de meus amigos mais antigos; e, ainda que às vezes possamos ter nossas divergências em questões científicas, não me lembro, pelo menos de meu lado, de qualquer abalo em nosso afeto mútuo. Nunca houve um dia em que, se você me dissesse “Jekyll, minha vida, minha honra, minha razão,

dependem de você”, eu não faria o impossível para ajudá-lo. Lanyon, minha vida, minha honra, minha razão dependem de você; se não me ajudar esta noite, estarei perdido. Você pode supor, após esta introdução, que vou lhe pedir para fazer algo desonroso. Julgue por si mesmo.

Quero que adie todos os outros compromissos desta noite — sim, mesmo se tiver sido convocado para atender um imperador; pegue um cabriolé, a menos que sua carruagem esteja realmente à porta; e, com esta carta na mão para consulta, dirija-se diretamente a minha residência. Poole, meu mordomo, já recebeu as ordens; ao chegar, ele estará a sua espera com um serralheiro. A porta de meu gabinete deve ser arrombada: e você deve entrar sozinho; abra o armário envidraçado (letra E) à esquerda, arrombando-o se estiver trancado; e retire a gaveta, com todo o seu conteúdo, sem tocar em nada, a quarta gaveta de cima para baixo ou (que é

a mesma coisa) a terceira de baixo para cima. Em minha angústia extrema, tenho um medo mortal de não ser capaz de orientá-lo corretamente; porém, mesmo se tiver me equivocado, você vai saber que é a gaveta certa por seu conteúdo: alguns pós, um frasco de vidro e uma caderneta. Imploro que a leve com você para a Cavendish Square exatamente como está.

Essa é a primeira parte da tarefa: agora, a segunda. Você deve estar de volta, se sair assim que receber esta mensagem, muito antes da meia-noite; porém, vou calcular uma margem de segurança, não somente por temer obstáculos inevitáveis ou imprevistos, mas porque o momento em que seus criados já tiverem se recolhido é preferível, visto o que ainda terá de ser feito. À meia-noite, então, peço que esteja sozinho em seu consultório para que receba pessoalmente um homem que se apresentará em meu nome e que lhe entregue a gaveta que pegou em meu gabinete. Então, terá feito sua parte e merecerá minha gratidão eterna. Cinco minutos depois, se realmente precisar de uma explicação, terá compreendido que esses arranjos são de importância capital; e que, se negligenciar qualquer um deles, por mais que pareça absurdo, carregará em sua consciência o peso de minha morte ou a perda de minha sanidade.

Mesmo confiando que meu apelo não será desprezado, meu coração se aperta e minhas mãos tremem só de pensar nesta possibilidade. Pense em mim nesta hora, em um lugar estranho, trabalhando sob a escuridão de um sofrimento que a fantasia não é capaz de exagerar, e mesmo assim bastante ciente de que, se não deixar de me ajudar, meus problemas desaparecerão como uma velha história. Ajude-me, meu caro Lanyon, e salve

SEU AMIGO, H. J.

P.S.: Eu já havia lacrado esta mensagem quando um pavor impensado se abateu sobre minha alma. É possível que o correio falhe comigo, e esta carta não chegue a suas mãos até a manhã de amanhã. Neste caso, caro Lanyon, realize as tarefas quando for mais conveniente para você durante o dia; e, mais uma vez, espere meu mensageiro à meia-noite. Talvez seja tarde demais; e, se a noite passar sem nenhum acontecimento, saberá que viu o fim de Henry Jekyll.

Após a leitura dessa carta, tive certeza da insanidade de meu colega; porém, até que fosse provado sem sombra de dúvidas, senti-me obrigado a fazer o que ele pedia. Quanto menos eu entendia tal confusão, menos estava em posição para julgar sua importância; e um apelo tão explícito não poderia ser deixado de lado sem uma grande responsabilidade. Levantei-me da mesa, peguei um cabriolé e me dirigi à casa de Jekyll. O mordomo estava aguardando minha chegada; ele havia recebido pelo mesmo correio que eu uma carta registrada contendo instruções, e imediatamente mandara chamar um serralheiro e um carpinteiro. Os dois chegaram enquanto ainda estávamos conversando; e, juntos, dirigimo-nos ao antigo anfiteatro cirúrgico do Dr. Denman, por onde se chega (como certamente já sabe), da forma mais conveniente, ao gabinete particular do Dr. Jekyll. A porta era

muito forte, a tranca, excelente; o carpinteiro declarou que teria bastante dificuldade e que o estrago seria grande se fosse usar força; o serralheiro estava a um passo do desespero. Mas este último era muito habilidoso, e, após trabalhar durante duas horas, a porta estava aberta. O armário com a letra E não estava trancado; retirei a gaveta, coloquei palha sobre seu conteúdo, envolvi em um lençol e voltei com ela para a Cavendish Square.

Em casa, passei a examinar seu conteúdo. Os pós estavam bem-organizados, mas não com a minúcia de um boticário; deixando claro que foram manipulados pelo próprio Jekyll: e, quando abri um dos pacotinhos, deparei-me com o que me parecia ser um simples sal cristalino de cor branca. O frasco, ao qual voltei minha atenção em seguida, tinha sido preenchido até quase a metade com um líquido que parecia um licor vermelho-sangue, de odor pungente e que me pareceu conter fósforo e algum tipo de éter volátil. Os outros ingredientes não consegui determinar. A caderneta continha apenas uma série de datas. Elas abrangiam um período de vários anos, mas observei que os registros haviam cessado um ano antes, de forma muito abrupta. Aqui e ali, havia uma nota curta ao lado de uma data, geralmente nada além de uma palavra, “duplo”, que aparecia talvez seis vezes em um total de várias centenas de anotações; e uma vez, bem no início da lista e seguido por vários pontos de exclamação, “completo fracasso!!!”. Tudo isso,

embora aguçasse minha curiosidade, trazia poucas informações concretas. Tínhamos ali um frasco com algum tipo de sal e o registro de uma série de experimentos que levavam (como muitas das experiências de Jekyll) a um resultado sem nenhuma utilidade prática. Como a presença desses artigos em minha casa poderia afetar a honra, a sanidade ou a vida de meu colega tão imaginativo? Se seu mensageiro era capaz de ir a um lugar, por que não poderia ir a algum outro? E, mesmo considerando a existência de um impedimento, por que este cavalheiro deveria ser recebido por mim em segredo? Quanto mais eu refletia, mais convencido ficava de que estava lidando com um caso de doença mental; e, embora eu tenha dispensado meus criados e pedido que se recolhessem, carreguei um velho revólver, pois poderia precisar dele, como instrumento de autodefesa.

Mal a décima segunda badalada soara em Londres, a aldrava bateu muito suavemente na porta. Eu mesmo fui atender e me deparei com um homem pequenino, agachado nos pilares do pórtico.

— O senhor foi enviado pelo Dr. Jekyll? — perguntei.

Ele disse “sim” com um gesto contido; e, quando fiz menção que entrasse, olhou para trás, como se procurasse algo na escuridão da praça, e só então me obedeceu. Havia um policial não muito longe, avançando com sua lanterna aberta; ao vê-lo,

percebi que meu visitante deu um passo adiante e começou a andar apressado.

Esse detalhe me deixou apreensivo, confesso, com uma sensação desagradável; ao segui-lo para a área mais iluminada do consultório, mantive minha mão de prontidão sobre a arma. Ali, por fim, pude vê-lo com clareza. Eu jamais havia posto os olhos naquele homem, tenho certeza. Era pequenino, como já disse; fiquei apreensivo com a expressão estarrecedora de seu rosto, com sua notável combinação entre grande força muscular e uma aparente grande debilidade física, e — por último, mas não menos importante — pela perturbação subjetiva e estranha causada por sua proximidade. Era como se eu estivesse mais tenso, ao mesmo tempo que me sentia mais fraco. Na época, atribuí o fato a algum desagrado pessoal, idiossincrático, e apenas estranhei a intensidade dos sintomas; porém, desde então, tive razões para acreditar que a causa era muito mais profunda, ligada à natureza humana, e para me voltar a algum princípio mais nobre que uma simples aversão.

Esse sujeito (que, desde o primeiro instante após sua entrada, tinha provocado em mim o que só posso descrever como uma curiosidade desprezível) estava vestido de um modo que faria uma pessoa comum ser alvo de chacota; quero dizer, suas roupas, embora fossem de tecido caro e elegante, eram extremamente grandes para ele em todas as medidas — as pernas da calça tinham pano sobrando, as barras estavam

dobradas para não arrastar no chão, a cintura do casaco ficava abaixo dos quadris e o colarinho circundava, com folga, seus ombros. É estranho de se dizer, mas aqueles trajés ridículos estavam longe de me fazer rir. Em vez disso, como havia algo anormal e maligno na essência da criatura que agora me encarava — algo convulsivo, surpreendente e revoltante —, essa nova disparidade parecia se encaixar no quadro e ainda reforçá-lo; de modo que, a meu interesse pela natureza e pelo caráter do homem, foi adicionada uma curiosidade quanto a sua origem, sua vida, seu destino e o papel que desempenhava no mundo.

Tais observações, apesar de terem grande relevância ao serem registradas, duraram somente alguns segundos. Meu visitante, na verdade, estava agitado por uma empolgação sombria.

— O senhor está com ela? — perguntou, gritando. — O senhor está com ela?

Sua impaciência era tamanha que ele chegou a segurar meus braços, querendo me sacudir.

Afastei-o, consciente de que o toque de suas mãos fazia meu sangue gelar.

— Ora, senhor — rebati. — Esquece que ainda não tive o prazer de conhecê-lo. Sente-se, por favor.

E, mostrando como se faz, sentei-me em meu lugar habitual, reproduzindo da melhor forma possível meus modos diante de meus pacientes, pois o adiantado da hora, a natureza de minhas preocupações e o terror que meu visitante havia despertado me impediriam de agir de forma normal.

— Peço desculpas, Dr. Lanyon — respondeu ele de forma polida o bastante. — O senhor está certo; e minha impaciência acabou obscurecendo minha polidez. Estou aqui a pedido de seu colega, o Dr. Henry Jekyll, para tratar de um assunto bastante urgente; e creio que... — Ele fez uma pausa e colocou a mão na garganta, e pude notar, apesar de seus modos contidos, que lutava contra os primeiros sinais de histeria. — Creio que uma determinada gaveta...

Naquele instante, contudo, apiedei-me de meu visitante por sua extrema ansiedade — e talvez também de mim mesmo, pois minha curiosidade só aumentava.

— Aqui está, senhor — falei, apontando para a gaveta, que estava no chão, atrás de uma mesa e ainda coberta pelo lençol.

Ele saltou na direção dela, mas então fez uma pausa e colocou a mão no peito: era possível ouvir seus dentes rangendo com a ação convulsiva dos maxilares; e seu rosto estava com uma aparência tão medonha que fiquei alarmado, temendo por sua vida e por sua sanidade.

— Controle-se — ordenei.

Ele lançou um sorriso pavoroso para mim, e, como se tomasse uma decisão desesperada, arrancou o lençol. Ao observar o conteúdo, soluçou alto, com alívio tão imenso que fiquei petrificado. E, no momento seguinte, com uma voz que já estava razoavelmente sob controle, pediu:

— O senhor tem um copo graduado?

Levantei-me da poltrona com certa dificuldade e lhe dei o que havia

pedido.

Ele me agradeceu com um aceno sorridente, mediu algumas gotas do extrato vermelho e acrescentou um dos pós. A mistura, que no início era de uma tonalidade avermelhada, começou, à medida que os cristais derretiam, a mudar de cor, ficando mais clara e brilhante, com uma efervescência audível, e passou a liberar pequenas emanações de vapor. De repente, a ebulição cessou e o composto mudou de cor novamente, para um roxo-escuro, que se desvaneceu mais lentamente para um verde pálido. Meu visitante, que havia observado essas metamorfoses com um olhar aguçado, sorriu, pousou o copo sobre a mesa e, então, virou-se e olhou para mim com ar inquisitivo.

— E, agora — disse ele —, decidiremos o que fazer. O senhor será sensato? Seguirá o curso das coisas? Permitirá que eu pegue este copo e deixe sua casa sem discussões? Ou a

ganância da curiosidade extrema domina seus atos? Pense antes de responder, pois será feito conforme sua vontade. E, quando decidir, o senhor permanecerá como estava antes; nem mais rico, nem mais sábio, apenas com a sensação de ter ajudado um homem mortalmente aflito, se isso puder contar como uma espécie de riqueza da alma. Ou, se assim preferir, um novo horizonte de conhecimento e novas avenidas para a fama e para o poder se descortinarão diante de si, aqui, nesta sala, neste momento; e seus olhos serão tocados por um assombro capaz de abalar a incredulidade de Satã.

— Senhor — comecei, demonstrando uma frieza que estava longe de possuir realmente —, o senhor fala por enigmas, e talvez não passe por sua cabeça que o escuto sem acreditar muito em suas palavras. Mas já cheguei longe demais nas trilhas destes acontecimentos inexplicáveis para desistir antes de testemunhar o fim.

— Está bem — respondeu meu visitante. — Lanyon, lembre-se de seus votos: o que ocorrerá a seguir estará sob o juramento de nossa profissão. E agora, o senhor, que há tanto tempo tem estado preso às visões mais tacanhas e materiais, que negou as virtudes da medicina transcendental, que ridicularizou seus mestres... olhe atentamente!

Ele levou o copo à boca e bebeu de um só gole. Um grito ecoou; ele vacilou, cambaleou, agarrou-se à mesa e se encurvou, fitando o vazio com os olhos injetados, ofegando com a boca aberta; quando olhei em sua direção, houve, pareceu-me, uma

mudança — ele parecia inchar —, seu rosto ficou preto de repente e sua face pareceu derreter e se modificar — e, no momento

seguinte, levantei-me de súbito e recuei até a parede, meus braços erguidos para me proteger daquele assombro, minha mente afundada em terror.

— Meu Deus! — gritei. — Meu Deus! — repeti, e repeti.

Pois ali, diante de meus olhos — pálido e abalado e quase desmaiando, tateando diante de si, como um homem resgatado da morte —, estava Henry Jekyll!

O que ele me disse na hora seguinte não consigo passar para o papel. Vi o que vi, e ouvi o que ouvi, e minha alma adoeceu; ainda hoje, quando aquela visão já está se apagando de meus olhos, eu me pergunto se acredito no que aconteceu, e não sei o que responder. Minha vida foi completamente desestruturada; não consigo mais dormir; o terror mortal me acompanha em todas as horas do dia e da noite; e sinto que meus dias estão contados, e que devo morrer; mesmo assim, morrerei incrédulo. Quanto à torpeza moral que aquele homem me revelou, mesmo com lágrimas de penitência, não consigo, nem em minhas lembranças, voltar a pensar no assunto sem um arrepio de terror. Direi apenas mais uma coisa, Utterson, e (se você conseguir acreditar) será mais que suficiente. A criatura que adentrou minha casa naquela noite, na confissão

do próprio Jekyll, era conhecida pelo nome de Hyde, e estava sendo caçada por todos os cantos pelo assassinato de Carew.

HASTIE LANYON

CAPITULO X

O depoimento completo de Henry Jekyll sobre o caso

Nasci em 18—, em uma família abastada, dotado de um físico excelente, inclinado ao trabalho por natureza, afeiçoado ao respeito pelo saber e benquisto entre meus pares, e assim, como seria de se supor, com todas as garantias de ter um futuro distinto e ilustre. E, de fato, o pior de meus defeitos era certa alegria impaciente, uma alegria que fez a felicidade de muitos, mas que eu tinha dificuldades em conciliar com o desejo imperioso de andar de cabeça erguida e assumir em público um semblante de gravidade maior que o de outros homens. Assim, aconteceu que ocultei meus prazeres e que, quando alcancei anos de reflexão e comecei a olhar a minha volta e fazer um balanço de meu progresso e de minha posição no mundo, deparei-me com uma duplicidade profunda da vida. Muitos homens teriam até mesmo se vangloriado das irregularidades das quais me sentia culpado; considerando os elevados padrões que havia estabelecido para mim mesmo, eu os julgava e os escondia com uma vergonha quase mórbida. Assim, não foi uma degradação particular em meu caráter, mas sim a natureza exigente de minhas aspirações o que me levou a ser quem eu era e que, com uma trincheira mais profunda do que a da maioria dos homens, separou em mim essas

distinções de bem e mal que dividem e compõem a natureza dupla do homem. Dessa forma, fui levado a refletir profunda e inveteradamente sobre essa dura lei da vida, que está nas raízes da religião e é uma das fontes mais abundantes de angústia. Apesar de fazer um jogo duplo tão profundo, jamais poderia ser chamado de hipócrita; meus dois lados eram totalmente sinceros;

eu não era mais eu mesmo quando abandonava a contenção e mergulhava na vergonha do que quando trabalhava, à luz do dia, para a promoção do conhecimento ou para o alívio da dor e do sofrimento. E foi por acaso que meus estudos científicos, voltados inteiramente para o místico e o transcendental, destacaram e passaram a focar sobre essa consciência da guerra perene entre minhas partes. A cada dia, e de ambos os lados de minha mente, o moral e o intelectual, eu me aproximava progressivamente da verdade, por cuja descoberta parcial eu havia sido condenado a afundar de forma terrível: que o homem não é apenas um, mas dois. Eu digo dois, porque o estado de meu próprio conhecimento não vai além desse ponto. Outros me sucederão, outros irão me superar neste mesmo tema; e me arrisco a supor que o homem será conhecido no fim como um mero abrigo de entidades múltiplas, incongruentes e independentes. Eu, de minha parte, da natureza de minha vida, avancei de forma infalível em uma única direção. Foi no lado moral, e em mim mesmo, que aprendi

a reconhecer a completa e primitiva dualidade do homem; vi que, das duas naturezas que duelavam no campo de minha consciência, mesmo se pudesse pender corretamente para uma delas, isso ocorria porque eu era radicalmente ambas; e, desde há muito tempo, mesmo antes do curso de minhas descobertas científicas começarem a sugerir a possibilidade de um milagre, eu já havia aprendido a viver com prazer, como um devaneio amado, com a ideia da separação desses elementos. Se cada um deles, eu dizia a mim mesmo, pudesse ser alojado em identidades separadas, a vida seria aliviada de tudo o que era insuportável; o injusto seguiria seu caminho, liberto das aspirações e do remorso de seu irmão gêmeo mais íntegro; e o justo poderia andar com firmeza e segurança em seu caminho para a elevação, fazendo as coisas certas nas quais encontrasse prazer, e não mais exposto à desgraça e à penitência nas mãos desse estranho malévolos. Era a maldição da humanidade que essas facetas incongruentes fossem, portanto, unidas uma à outra — que esses gêmeos opostos fossem obrigados a se manter em uma luta contínua no ventre agonizante da consciência. Como era, então, que estavam dissociados?

Foi nesse ponto de minhas reflexões que, como já disse, o foco da mesa do laboratório se voltou para esse assunto. Comecei a perceber mais profundamente o que jamais fora afirmado, a imaterialidade hesitante, a transitoriedade etérea deste corpo

aparentemente tão sólido com o qual caminhamos. Descobri que certas substâncias tinham o poder de abalar e

retomar tal vestimenta carnal, como o vento agita as cortinas de um pavilhão. Por duas boas razões, não vou me aprofundar no aspecto científico de minha confissão. Primeira, porque aprendi que a danação e o fardo de nossas vidas permanecerão para sempre pesando em nossos ombros, e, quando tentamos nos livrar do peso, ele retorna com uma força ainda mais desconhecida e terrível. Segunda, porque, como minha narrativa irá tornar, ai de mim, bastante evidente, minhas descobertas foram incompletas. É suficiente dizer, então, que não apenas consegui diferenciar meu corpo natural da mera aura e do esplendor de algumas das forças que compõem meu espírito como fui capaz de formular uma droga através da qual essas forças podem ser destronadas de sua supremacia e substituídas por uma segunda forma e fisionomia, ainda que fossem naturais para mim, pois eram a expressão e traziam a marca dos elementos inferiores em minha alma.

Hesitei muito antes de expor essa teoria às provas da prática. Eu bem sabia que corria o risco de morrer; pois qualquer droga que controlasse e abalasse com tamanha intensidade a base do que é a identidade poderia, com o menor exagero na dose ou com a mínima inconveniência no momento da administração do composto, macular totalmente aquele

tabernáculo imaterial que eu buscava alterar. Mas a tentação de uma descoberta tão singular e tão profunda por fim superou as sombras de preocupação. Há muito preparara a tintura; adquiri, a um só tempo, de uma empresa atacadista de produtos químicos, uma grande quantidade de determinado sal que eu sabia, por minhas experiências, ser o último ingrediente necessário; em uma noite maldita, misturei os elementos, vi-os ferver e soltar fumaça, misturados no balão de ensaio, e, quando a ebulição diminuiu, com um brilho intenso de coragem, bebi toda a poção.

As dores mais excruciantes se sucederam: os ossos pareciam ser moídos, uma náusea terrível e um horror nas profundezas da alma, certamente mais intenso do que o que se sente no momento do nascimento ou da morte. Então essas agonias rapidamente começaram a se dissipar, e senti como se tivesse me recuperado de uma doença grave. Havia algo estranho em meus sentimentos, algo indescritivelmente novo e, por causa dessa própria novidade, incrivelmente prazeroso. Senti-me mais jovem, mais leve, mais feliz naquele corpo; em meu íntimo, estava consciente de uma imprudência inebriante, uma corrente de imagens sensuais desordenadas, funcionando como um turbilhão em minha imaginação, uma dissolução das amarras do

dever, uma liberdade desconhecida, mas inocente, da alma. Percebi que, assim que respirei pela primeira vez nessa nova

vida, tornara-me mais perverso, dez vezes mais perverso, tornara-me um escravo do pecado original; e o pensamento, naquele momento, envolvia-me e me inebriava como vinho. Estendi as mãos, exultante com o frescor dessas sensações; e, ao fazer tal gesto, de repente percebi que minha estatura havia reduzido.

Nessa época, não havia espelho em meu quarto; este que está ao meu lado enquanto escrevo foi trazido depois para que eu pudesse observar essas transformações. A noite, no entanto, há muito avançara madrugada adentro

— madrugada que, escura como se apresentava, já estava em vias de conceber um novo dia; os habitantes de minha casa estavam trancafiados nas mais profundas horas de sono, e decidi, imerso em esperança e triunfo, arriscar-me a ir até meu quarto nessa nova forma física. Atravessei o pátio, onde as constelações me observavam do firmamento, e eu poderia ter pensado, com admiração, que era a primeira criatura daquele tipo a ver sua vigilância insone; esgueirei-me pelos corredores, um estranho em minha própria casa; chegando ao meu quarto, vi pela primeira vez a aparência de Edward Hyde.

Aqui, devo falar apenas em teoria, não do que sei, mas do que acho ser mais provável. O lado mau de minha natureza, ao qual agora eu transferira um poder incontestável, era menos robusto e menos desenvolvido que o bom, que eu havia deixado de lado. Afinal, no transcorrer de minha vida, que tem sido, em última análise, nove décimos de uma existência cheia de

esforço, virtude e autocontrole, meu lado mau foi muito menos exercitado e muito menos requisitado. E, assim, ao que me parece, deu-se que Edward Hyde se apresentou muito menor, menos corpulento e mais jovem que Henry Jekyll. Enquanto a bondade reluzia na face de um, a maldade estava escrita de modo claro e evidente na face do outro. Além disso, o mal (que ainda considero ser o lado fatal da humanidade) havia deixado naquele corpo uma impressão de deformidade e deterioração. Ainda assim, quando observei a figura malévola no espelho, não senti repugnância, mas sim um impulso de boas-vindas. Aquele ser também era eu mesmo. Pareceu-me natural e humano. Em meus olhos havia uma imagem mais vívida do espírito, parecia mais expressivo e único do que o semblante imperfeito e dividido que até então estava acostumado a chamar de meu. Nesse ponto, sem sombra de dúvida, eu estava correto. Observei que, quando carregou a aparência de

Edward Hyde, ninguém se aproxima de mim pela primeira vez sem um receio visível em suas entranhas. Isto, considero, ocorre porque todos os seres humanos, quando os conhecemos, são uma mescla do bem e do mal: e Edward Hyde, figura única entre as diversas classes de seres humanos, era pura maldade.

Não me demorei mais de alguns instantes diante do espelho: o segundo experimento, conclusivo, ainda devia ser feito; ainda precisaria ser determinado se minha identidade havia sido perdida para além da redenção e se, antes do raiar do dia, eu

teria de fugir de uma casa que já não me pertencia; e, correndo de volta ao meu gabinete, mais uma vez preparei e bebi a poção, mais uma vez sofri as dores da dissolução e voltei a mim com a personalidade, a estatura e a face de Henry Jekyll.

Naquela noite, eu havia chegado à encruzilhada fatal. Se tivesse abordado minha descoberta com um estado de espírito mais nobre, se tivesse me arriscado a fazer o experimento por aspirações generosas ou piedosas, tudo teria sido diferente, e dessas agonias de morte e renascimento eu teria ressurgido como um anjo, não como um demônio. A droga não fazia discernimento; não era diabólica nem divina; mas abalou as portas da prisão de minha disposição; e, como os cativos de Filipos, a essência guardada em meu interior ganhou liberdade. Naquela ocasião, minha virtude adormeceu; meu lado mau, mantido desperto pela ambição, estava alerta e pronto para aproveitar a ocasião; o produto disso era Edward Hyde. Portanto, embora eu tivesse agora duas personalidades, bem como duas aparências, uma era a maldade pura, e a outra ainda era o velho Henry Jekyll, aquele composto incongruente cuja correção e melhoria eu já aprendera a não esperar. A mudança só poderia ocorrer, portanto, para o pior.

Mesmo naquela época, eu ainda não havia vencido minha aversão à aridez de uma vida dedicada aos estudos. Em algumas ocasiões, ainda estava disposto a ter momentos de felicidade; e, como meus prazeres eram (para dizer o mínimo) indignos, e eu era altamente respeitado, além de bastante

conhecido, mas caminhava em direção à velhice, essa incoerência de minha vida se tornava cada dia mais inconveniente. Foi diante disso que meu novo poder me tentou, até que me tornei escravo dele. Minha única opção era beber a poção, eliminar de uma vez o corpo do professor notável e assumir, como um manto espesso, o de Edward Hyde. Sorri diante da ideia; pareceu-me na ocasião ser algo divertido; e elaborei minhas formulações com cuidado

e muito critério. Preparei e mobiliei a casa no Soho, na qual Hyde foi procurado pela polícia; e contratei como governanta uma criatura que eu sabia bem ser reservada e inescrupulosa. Ao mesmo tempo, anunciei aos meus criados que um tal Mr. Hyde (que lhes descrevi) teria completa liberdade e poder sobre minha casa na praça; e, para evitar contratemplos, cheguei a visitar a casa, de forma que se familiarizassem com minha segunda persona. Em seguida, elaborei o testamento ao qual você tanto se opôs; para que, se algo se abatesse sobre mim, na pessoa de Dr. Jekyll, eu poderia assumir a figura de Edward Hyde sem perdas materiais. E, assim, fortalecido por todos os lados, como supunha, comecei a usufruir da estranha imunidade advinda de minha posição.

Já houve relatos de homens que contrataram malfeitores para realizar seus crimes, enquanto eles próprios e sua reputação eram preservados. Fui o primeiro a fazer isso para satisfação própria. Fui o primeiro a poder caminhar aos olhos da

sociedade com imensa respeitabilidade e, no momento seguinte, como um garotinho, despir-me dessas qualidades e mergulhar de cabeça no mar da liberdade. Mas, para mim, em meu manto impenetrável, a segurança era completa. Pense nisto — eu sequer existia! Bastaria escapar pela porta de meu laboratório, gastar um ou dois segundos para misturar a fórmula e tomar o gole que sempre deixava pronto; e, não importa o que tivesse feito, Edward Hyde desapareceria como a respiração condensada sobre um espelho; em seu lugar, tranquilamente em casa, estudando até tarde em seu gabinete, estaria um homem acima de qualquer suspeita: Henry Jekyll.

Os prazeres que me apressei em buscar sob meu disfarce eram, como já disse, indignos; eu não usaria um termo mais pesado. Porém, nas mãos de Edward Hyde, eles logo passaram a ser monstruosos. Quando voltava dessas excursões, muitas vezes mergulhava em um êxtase ao perceber minha depravação vicária. Aquele ser, que era fruto de minha própria alma e que libertei para viver sozinho e a seu bel-prazer, era inerentemente maligno e vil; todos os seus atos e pensamentos eram egoístas; sorvendo o prazer com uma avidez bestial, sem se importar com o grau de tortura que infligisse aos outros; implacável como um homem esculpido em mármore. Henry Jekyll às vezes ficava horrorizado diante dos atos de Edward Hyde; mas a situação estava além das leis comuns, e insidiosamente fugia ao controle da consciência. Era Hyde, afinal de contas, somente Hyde, o culpado por tudo.

Jekyll continuava o mesmo; ao acordar, suas boas qualidades não pareciam ter sofrido nenhum prejuízo; e até se apressava, quando possível, a reparar o mal praticado por Hyde. E, assim, sua consciência adormecia.

Não tenho intenção de me aprofundar nos detalhes das infâmias com que fui, desta forma, conivente (pois mesmo agora não sou capaz de admitir tê-las cometido); pretendo apenas salientar os sinais e os indícios sucessivos que indicavam a aproximação de meu castigo. Fui envolvido em um incidente que, como não trouxe consequências, irei apenas mencionar. Um ato de crueldade a uma criança despertou contra mim o ódio de um transeunte, a quem reconheci outro dia como sendo parente seu; o médico e a família da criança se uniram a ele; houve momentos em que temi por minha vida; e, por fim, para pacificar a justa indignação de todos eles, Edward Hyde teve de trazê-los a nossa porta e lhes dar como indenização um cheque em nome de Henry Jekyll. Mas esse perigo foi facilmente eliminado do futuro quando abri uma conta em outro banco em nome de Edward Hyde; quando, ao inclinar minha mão para trás, dei a meu duplo uma assinatura, considerei que estivesse além do alcance do destino.

Cerca de dois meses antes do assassinato de Sir Danvers, eu havia saído para uma de minhas aventuras, retornei de madrugada e despertei no dia seguinte já em minha cama, com uma sensação um tanto estranha. Foi em vão que procurei me

recompor; em vão, vi a bela mobília e o pé-direito alto de meu quarto na praça; em vão, reconheci a estampa das cortinas do dossel da cama e o desenho da estrutura de mogno; algo continuava insistindo que eu não estava naquele lugar, que não tinha acordado onde parecia estar, mas no cubículo no Soho, onde estava acostumado a dormir no corpo de Edward Hyde. Sorri para mim mesmo e, como dita minha disposição psicológica, comecei a investigar sem pressa os elementos dessa ilusão; ocasionalmente, mesmo em meio a reflexões, voltava a me deixar levar por um confortável cochilo matinal. Ainda estava bastante entretido quando, em um de meus momentos mais despertos, meus olhos enfocaram minha mão. Bem, a mão de Henry Jekyll (como você já observou) era profissional em tamanho e formato: grande, firme, branca e elegante. Mas a mão que eu via agora, claramente, à luz amarela de uma tenra manhã de Londres, repousando meio fechada sobre a roupa de cama, era magra, marcada por veias saltadas e juntas proeminentes, de uma palidez sombria, com tufos de pelos eriçados. Era a mão de Edward Hyde.

Devo ter passado quase meio minuto encarando essa mão, envolto como estava em um sentimento de admiração estupefata, antes de ser acordado pelo terror em meu peito, tão súbito e surpreendente quanto o bater de címbalos; e, libertando-me da cama, corri para o espelho. Diante daquela imagem projetada, meu sangue se transformou em um fluido

ralo e gelado. Sim, eu fora me deitar Henry Jekyll e acordara Edward Hyde. Como explicar essa transformação?, perguntei a mim mesmo; e então, com outro sobressalto de terror — como remediar a situação? A manhã já passava da metade; os criados estavam acordados; todas as minhas drogas estavam em meu gabinete — uma longa jornada de onde me encontrava, congelado pelo pavor: dois lances de escada pela porta dos fundos, cruzando o pátio aberto e passando pelo anfiteatro. De fato, seria possível cobrir o rosto; mas de que adiantaria isso se eu era incapaz de disfarçar a alteração de minha estatura? E então, com uma avassaladora sensação de alívio, lembrei-me de que a criadagem estava habituada às idas e vindas de meu outro eu. Logo já estava vestido, dentro do possível, com roupas de meu tamanho: em pouco tempo, caminhei pela casa, onde Bradshaw me encarou e recuou ao ver Mr. Hyde a essa hora e com uma aparência tão estranha; e, dez minutos depois, Dr. Jekyll voltava a sua própria forma e ia se sentar, com o cenho franzido, para tomar seu desjejum.

Eu estava mesmo com pouco apetite. Esse incidente inexplicável, essa inversão de minha experiência prévia parecia, como o dedo na Babilônia apontando para a parede, soletrar as letras de meu julgamento; comecei a refletir com mais seriedade do que nunca sobre as questões e as possibilidades de minha existência dupla. Aquela parte de mim que eu tinha a capacidade de projetar ultimamente vinha sendo muito exercitada e nutrida; assim, recentemente, parecia-me que o

corpo de Edward Hyde havia crescido em estatura, como se (quando usava aquela forma) percebesse o sangue correndo com mais vigor por minhas veias; e comecei a pressentir o perigo de, se essa situação fosse prolongada demais, o equilíbrio de minha natureza ser perdido para sempre, o poder da mudança voluntária ser apagado, e a personalidade de Edward Hyde se tornar irrevogavelmente minha. A potência da droga não se apresentava sempre igual. Uma vez, bem no início de minha carreira, o fracasso fora total; desde então, eu havia sido obrigado em mais de uma ocasião a duplicar e, uma vez, com infinito risco de morte, triplicar a quantidade; essas raras incertezas haviam sido até agora as únicas

sombras pairando sobre meu contentamento. Naquele momento, no entanto, e tendo em conta o acidente daquela manhã, fui levado a observar que, no início, embora a dificuldade fosse me livrar do corpo de Jekyll, nos últimos tempos essa complicação ia, aos poucos mas de forma decisiva, sendo transferida para o outro lado. Tudo, portanto, parecia apontar para isto; que eu estava lentamente perdendo o controle de meu eu original e melhor, e me incorporava lentamente a minha segunda e pior natureza.

Eu sentia agora que teria de escolher entre elas. Minhas duas naturezas tinham a mesma memória, porém todas as outras faculdades eram compartilhadas em proporções desiguais. Jekyll (que era complexo), ora com suas apreensões mais

sensíveis, ora com um excesso de entusiasmo, projetava e compartilhava os prazeres e as aventuras de Hyde; mas Hyde era indiferente a Jekyll; quando muito, lembrava-se dele como o bandoleiro da montanha se lembra da caverna onde se esconde da perseguição. Jekyll sentia um interesse maior que o de um pai; Hyde sentia uma indiferença maior que a de um filho. Estabelecer-me para sempre como Jekyll seria morrer para os apetites que havia tanto eu fora indulgente em segredo e que nos últimos tempos começara a apreciar. Estabelecer-me para sempre como Hyde seria abdicar de milhares de interesses e aspirações e me tornar, de uma vez por todas, desprezado e sem amigos. A negociação podia parecer desigual; mas ainda havia outro fato a ser considerado; pois, enquanto Jekyll sofreria pesadamente no fogo da abstinência, Hyde não teria sequer consciência de tudo o que perdera. Por mais estranhas que fossem minhas circunstâncias, os termos dessa discussão eram tão velhos e banais quanto a humanidade; praticamente as mesmas sugestões e os mesmos sinais de alerta atormentam qualquer pecador hesitante e tentado; e foi assim também comigo, como com a maioria de meus semelhantes, pois optei pela melhor parte e descobri que não teria forças para honrar minha escolha.

Sim, eu preferia o médico idoso e descontente, rodeado por amigos e nutrindo esperanças honestas; despedi-me de forma resoluta da liberdade, da relativa juventude, dos passos leves, dos impulsos enérgicos e dos prazeres secretos que eu

desfrutava sob o manto de Hyde. Fiz essa opção talvez com certa reserva inconsciente, porque não desisti da casa no Soho nem destruí as roupas de Edward Hyde, que ainda se encontram em meu gabinete. Passei dois meses, no entanto, fiel a minha determinação; por dois meses, levei uma vida de tamanha severidade como nunca antes levara, e usufruí das

recompensas de uma consciência limpa. Mas finalmente o tempo começou a obliterar o frescor de minha decisão; os louvores da consciência começaram a se tornar banais; comecei a ser torturado por espasmos e anseios, como se Hyde lutasse por se libertar; e, por fim, em um momento de fraqueza moral, mais uma vez preparei e ingeri a poção transformadora.

Acredito que, quando um bêbado discute consigo mesmo sobre seu vício, nem uma vez em mil ele se sente afetado pelos perigos que corre por sua brutal insensibilidade física. O mesmo ocorria comigo; por mais que tivesse considerado minha posição, nunca levei a sério a total insensibilidade moral e a insensata disposição para o mal que compunham os principais traços distintivos de Edward Hyde. No entanto, foi por causa deles que fui punido. O diabo, há muito enjaulado dentro de mim, libertou-se rugindo. Eu tinha consciência, mesmo ao tomar a poção, de uma propensão para o mal mais descontrolada e mais furiosa. Deve ter sido isso, suponho, o que provocou em minha alma aquela tempestade de impaciência ao ouvir as civilidades de minha infeliz vítima;

declaro, ao menos perante Deus, que nenhum homem moralmente sã poderia ter cometido tal crime após uma provocação tão insignificante e que agi agressivamente motivado por um espírito tão insensato quanto aquele que torna uma criança contrariada capaz de quebrar um brinquedo. Mas eu voluntariamente me despojara de todos os instintos de equilíbrio que faz com que até mesmo o pior dos homens continue a andar com algum grau de controle entre as tentações; e, no meu caso, ser tentado, mesmo que apenas um pouco, seria minha perdição.

Imediatamente o espírito infernal despertou em mim e se enfureceu. Tomado pelo prazer, espanquei o corpo que não oferecia resistência, sentindo um deleite a cada novo golpe; foi apenas quando o cansaço começou a me vencer que, de repente, no auge do delírio, meu coração foi atingido por uma onda gélida de terror. Uma névoa foi dispersa; vi minha vida se perdendo; e fugi da cena desses excessos, com sentimentos de vitória e terror, minha luxúria pelo mal satisfeita e estimulada, meu amor pela vida em seu nível mais alto. Corri para a casa no Soho, e (para me garantir duplamente) destruí meus documentos; saí então para as ruas iluminadas por lâmpadas, no mesmo êxtase dividido, vangloriando-me de meu crime, planejando os próximos sem pesar e ainda assim me apressando e temendo ouvir os passos de um justiceiro. Hyde tinha uma canção nos lábios quando preparava a poção, e, ao ingeri-la, ergueu um brinde ao homem morto. A

angústia da transformação não cessara por completo quando Henry Jekyll, com lágrimas de gratidão e remorso escorrendo pela face, caiu de joelhos e ergueu as mãos em prece a Deus. O véu da autoindulgência fora dilacerado da cabeça aos pés. Vi minha vida passar diante de meus olhos: desde a tenra infância, quando caminhava de mãos dadas com meu pai, através da labuta abnegada de minha vida profissional, até chegar de novo e de novo, com o mesmo senso de falsidade, aos malditos horrores noturnos. Eu poderia ter gritado; busquei com lágrimas e orações sufocar a imensidão de imagens e sons odiosos que atormentavam minha mente; e mesmo assim, ainda que suplicasse, a terrível face de minha iniquidade fitava as profundezas de minha alma. Conforme a pungência desse remorso começava a se esvaír, ela foi sucedida por um sentimento de alegria. O problema decorrente de meus atos estava resolvido. Dali para a frente, Hyde seria inviável; quisesse ou não, agora eu estava confinado à melhor parte de minha existência, e, santo Deus, como esse pensamento me alegrava! Com essa humildade disposta, abracei novamente as restrições da vida natural! Foi com uma renúncia sincera que tranquei a porta pela qual havia tantas vezes ido e vindo e enterrei a chave sob meu calcanhar!

No dia seguinte, veio a notícia de que o assassinato fora testemunhado, que a culpa de Hyde era evidente a todos, e que a vítima era um homem por quem o povo tinha alta estima.

Não era apenas um crime, havia sido uma sandice trágica. Acho que fiquei satisfeito em saber disso; acho que fiquei satisfeito em ter meus melhores impulsos reforçados e resguardados pelos terrores do cadafalso. Jekyll agora era meu refúgio; bastaria Hyde dar uma escapadela por um instante, e as mãos de todos os homens seriam erguidas para prendê-lo e matá-lo.

Decidi que minha conduta futura iria redimir o passado; e posso dizer com honestidade que minha decisão rendeu bons frutos. Você sabe como, nos últimos meses do ano que passou, empenhei-me muito em aliviar sofrimentos; você sabe o quanto fiz em benefício dos outros e que os dias se passaram em paz, quase felizes. Nem posso dizer verdadeiramente que me cansei dessa vida beneficente e imaculada; acredito que, em vez disso, cada dia era capaz de aproveitá-la melhor; porém, ainda estava amaldiçoado com minha dualidade de propósitos; e, quando a primeira fronteira de minha penitência se desgastou, meu lado inferior, com o qual eu fora indulgente por tanto tempo e que tão recentemente havia acorrentado, começou a clamar

por liberdade. Não que eu sonhasse em ressuscitar Hyde; a simples menção a isso já me assustava e me levava ao delírio: não, era meu próprio eu que se manifestava, e uma vez mais estava tentado a brincar com minha consciência; foi como um

pecador simples e secreto que finalmente cedi aos assaltos da tentação.

Tudo tem um fim; mesmo a medida mais ampla é preenchida no final; e essa breve condescendência ao meu lado mau por fim destruiu o equilíbrio de minha alma. E, mesmo assim, não fiquei alarmado; a queda parecia natural, como um retorno aos velhos tempos anteriores a minha descoberta. Era um dia tranquilo e claro de janeiro. O chão estava molhado onde a neve derretera, mas o céu não tinha nuvens; o Regent's Park estava tomado pelos gorjeios de inverno e pelos doces aromas da primavera. Sentei-me ao sol num banco; o animal que habitava meu interior se refestelava com as memórias; o lado espiritual estava um pouco embotado, prometendo uma penitência subsequente, mas não dava o primeiro passo. Afinal de contas, refleti, eu era como as pessoas ao meu redor; e então sorri, comparando-me com outros homens, comparando minha benevolência enérgica com a crueldade preguiçosa da negligência deles. E, no momento em que formulei esse pensamento de exaltação, um dilema sobreveio, uma náusea excruciante, e comecei a tremer excessivamente. Essas sensações foram desbotando e me deixaram fraco; e então, à medida que a fraqueza diminuía, comecei a me lembrar de uma mudança na temperança de meus pensamentos, uma ousadia maior, um desprezo pelo perigo, uma dissolução das amarras do dever. Olhei para baixo; minhas roupas pendiam disformes de meus membros encolhidos; a mão que jazia sobre meu

joelho tinha veias marcadas e era peluda. Mais uma vez, eu me tornara Edward Hyde. Um momento antes estava a salvo de todos os homens de respeito, era rico, amado — a mesa posta para mim na sala de jantar de casa; e agora era a brutalidade comum da humanidade, perseguido, sem lar, um assassino conhecido, destinado ao cadafalso.

Minha capacidade de raciocínio estava comprometida, mas não me deixou por completo. Mais de uma vez observei que, quando em minha segunda persona, minha percepção ficava mais aguçada, e meu espírito, mais tenso e flexível; assim, sucedeu que, quando Jekyll talvez tivesse sucumbido, Hyde se aproveitou para tomar o controle da situação. Minhas drogas estavam em um dos armários de meu gabinete; como iria chegar até elas? Esse era o problema que (comprimindo as têmporas com as mãos) eu

procurava resolver. Havia fechado a porta do laboratório. Se tentasse entrar pela casa, meus próprios criados iriam me despachar para a forca. Entendi que outra mão teria de realizar o serviço, e meu pensamento se voltou para Lanyon. Como entrar em contato com ele? Como convencê-lo? Supondo que eu escapasse da captura nas ruas, como poderia chegar a sua presença? E como eu, um visitante desconhecido e desagradável, convenceria o famoso médico a vasculhar os pertences de seu colega, Dr. Jekyll? Então me lembrei de que, de minha persona original, uma parte permanecera comigo: eu

ainda era capaz de reproduzir minha própria caligrafia; e, uma vez iluminado o início do caminho, o restante se tornou claro do início ao fim.

Então arrumei minhas roupas da melhor forma possível e tomei um cabriolé que por lá passava, dirigi-me a um hotel na Portland Street, cujo nome por acaso permanecia em minha memória. Contemplando minha aparência (que era de fato bastante cômica, embora essas vestimentas cobrissem um destino trágico), o cocheiro não pôde esconder seu escárnio. Rangí os dentes para ele com uma rajada de fúria demoníaca; e o sorriso desapareceu de sua face — melhor para ele; ainda melhor para mim mesmo, pois em outra ocasião eu certamente teria arrastado o homem para fora da boleia. Chegando ao meu destino, assim que entrei, olhei ao redor com um semblante tão pesado que os atendentes tremeram; não trocaram sequer um olhar em minha presença; mas atenderam minhas ordens sem pestanejar, indicaram-me um quarto isolado e levaram para mim o material para escrever. Hyde temendo por sua própria vida era uma criatura nova para mim; abalado pela raiva excessiva, atado ao campo do homicídio, ansiando por infligir dor. No entanto, a criatura era astuta; dominava sua fúria com um imenso esforço; redigiu as duas cartas importantes, uma para Lanyon e outra para Poole; e, para que pudesse receber provas reais de terem sido postadas, enviou-as com a determinação de que deveriam ser registradas. A partir de então, passou o resto do dia sentado

diante da lareira no quarto isolado, ansioso; lá, jantou, sentado sozinho com seus medos, o garçom visivelmente perturbado ao observá-lo; e assim, quando a noite se estabeleceu, ele se acomodou na lateral de um coche fechado e foi levado pelas ruas da cidade, em um passeio interminável. Digo ele — não posso dizer eu. Aquele filho do Inferno que não tinha nada de humano; nada vivia em seu interior além de medo e ódio. Quando, por fim, achou que o cocheiro começara a suspeitar dele, dispensou o transporte e se arriscou a caminhar,

vestindo seus trajes desproporcionais, um homem capaz de chamar a atenção em meio às pessoas que vagavam pela noite, os dois sentimentos nefastos se intensificando nele como uma tempestade. Caminhava a passos rápidos, caçado por seus próprios medos, falando consigo mesmo, esgueirando-se por vias menos movimentadas, contando os minutos que ainda o separavam da meia-noite. Em certo ponto, uma mulher lhe dirigiu a palavra, oferecendo, imagino, uma caixa de fósforos. Ele golpeou seu rosto com força, e ela fugiu.

Quando voltei a mim na casa de Lanyon, o horror de meu velho amigo talvez tenha me afetado um pouco: não sei; era somente uma gota no oceano da aversão com que passei a encarar aquelas horas. Uma mudança havia se operado em mim. Já não era o medo do cadafalso, mas o horror de ser Hyde que me atormentava. Recebi a condenação de Lanyon como se não passasse de um sonho; também como em um sonho, voltei

para casa, para minha própria casa, e me enfiei na cama. Dormi depois da prostração do dia, com um sono profundo e rigoroso que nem mesmo os pesadelos que me atormentavam poderiam me despertar. Acordei de manhã abalado, enfraquecido, mas revigorado. Ainda odiava e temia o pensamento do monstro que adormeceu dentro de mim, e, é claro, não havia esquecido os terríveis perigos do dia anterior; mas estava outra vez em casa, em minha própria casa, e perto de minhas fórmulas; a gratidão pela minha fuga brilhou tão forte na minha alma que quase rivalizava com o brilho da esperança.

Eu caminhava descompromissado pelo pátio após o desjejum, respirando o ar frio com prazer, quando fui arrebatado novamente por aquelas sensações indescritíveis que anunciavam a transformação; só tive tempo de correr para o abrigo de meu gabinete, antes de ser assolado novamente pelas paixões indomáveis e congelantes de Hyde. Nesta ocasião, precisei de uma dose dupla para me recuperar; e, valha-me Deus!, seis horas depois, enquanto estava sentado, olhando com tristeza para a lareira, a angústia voltou, e a poção teve de ser reaplicada. Em síntese, daquele dia em diante, parecia-me que, somente com um grande esforço, como se fizesse exercícios, e somente sob o efeito imediato da poção, eu conseguiria me manter no corpo e com a personalidade de Jekyll. A qualquer hora do dia ou da noite, eu poderia ser surpreendido pelo tremor premonitório;

especialmente quando dormia, ou até mesmo se cochilava por um momento em minha cadeira, era sempre na forma de Hyde que eu despertava. Sob a tensão dessa constante maldição iminente e pela falta de sono a que agora fora condenado, sim, muito além do

que eu considerava serem os limites que um homem consegue suportar, tornei-me, em minha própria pessoa, uma criatura desgastada e esvaziada pela febre, languidamente fraca em corpo e espírito, e ocupada apenas por um pensamento: o horror ao meu outro eu. Mas, quando dormia ou quando a virtude da medicação se esvaía, era capaz de saltar quase de imediato (pois a angústia da transformação era cada vez menos perceptível) para um devaneio de fantasias repletas de imagens de horror, uma alma ardendo com ódios infundados e um corpo que não parecia forte o suficiente para conter a fúria das energias vitais. Os poderes de Hyde pareciam se agigantar com o enfraquecimento de Jekyll. E certamente o ódio que agora os dividia era igual em ambos os lados. Com Jekyll, era uma questão de instinto de sobrevivência. Ele agora via a total deformidade daquela criatura com quem compartilhava alguns dos fenômenos da consciência, e com quem ele compartilharia a morte: e, para além desses elos de comunhão, que por si já constituíam a parte mais pungente de sua agonia, ele pensou em Hyde, apesar de toda a energia vital deste, como algo não apenas infernal mas inorgânico. Foi uma descoberta

estarrecedora: que a lama do abismo parecia ecoar choros e vozes; que o pó amorfo gesticulava e pecava; que a massa morta e disforme pudesse usurpar funções vitais. E, mais uma vez, que aquele terror insurgente estivesse mais unido a ele que uma esposa, mais próximo que um olho; encontrava-se preso em sua carne, onde o escutava murmurar e pressentia sua luta para nascer; e, a cada instante de fraqueza, ou durante a segurança de um cochilo, prevalecia contra ele, usurpando-lhe sua própria vida. O ódio que Hyde sentia por Jekyll era de uma ordem diferente. Seu temor do cadafalso o impelia constantemente a cometer um suicídio temporário e voltar à sua condição de subordinado, de ser uma parte e não uma pessoa; mas ele abominava essa necessidade, abominava a depressão na qual Jekyll se encontrava e se ressentia do desprezo do qual ele próprio era objeto. Isso explica os gestos desarticulados e simiescos que Hyde fazia para me humilhar, rabiscando, com minha própria caligrafia, blasfêmias nas páginas de meus cadernos, queimando cartas e violando o retrato de meu pai; na verdade, não fosse o medo que ele sentia de perder a vida, já teria se lançado à ruína há tempos, apenas para me levar junto. Mas seu amor à vida é maravilhoso; vou mais longe: eu, que fico enjoado e gelo só de pensar nele, quando recordo a abjeção e a paixão desse apego, e, quando penso no quanto teme meu poder de eliminá-lo com o suicídio, consigo

encontrar em meu coração motivos para sentir pena da criatura.

É inútil prolongar esta descrição, e o tempo me é escasso: nunca um ser humano sofreu tais tormentos, então não preciso me alongar; mesmo assim, o hábito trouxe, se não alívio, uma alma experiente, uma aquiescência do desespero; e minha punição poderia prosseguir por anos a fio, não fosse a última calamidade que se abateu agora sobre mim e que por fim me separou de minha própria face e de minha natureza. A provisão de sal, que nunca fora renovada desde a data da primeira experiência, começou a escassear. Adquiri um novo suprimento e preparei a poção; a ebulição aconteceu, assim como a primeira mudança de cor, mas não a segunda; tomei o líquido e nada ocorreu. Você saberá por Poole como vasculhei Londres; tudo em vão; e agora estou convencido de que a primeira substância que recebi estava impura, e que era aquela impureza desconhecida que emprestava eficácia à poção.

Aproximadamente uma semana se passou, e agora estou terminando esta declaração sob a influência da última dose dos pós do suprimento antigo. Esta, então, é a última vez, exceto se houver um milagre, que Henry Jekyll pode ser dono de seus próprios pensamentos e é capaz de admirar no espelho o próprio rosto — agora tão tristemente deformado! Além disso, não posso me demorar muito para concluir estes escritos; pois, se minha narrativa até aqui escapou da destruição, foi por uma combinação de extrema prudência e imensa sorte. Se os

espasmos violentos da transformação me atingirem enquanto escrevo, Hyde rasgará este papel em pedaços; mas, se algum tempo tiver passado depois de o texto ser concluído, seu maravilhoso egoísmo e sua circunscrição ao momento atual provavelmente irão salvá-lo novamente da ação de sua fúria simiesca. E de fato a desgraça que se aproxima tanto já o transformou quanto o subjugou. Em meia hora, quando eu voltar novamente e de modo definitivo a assumir aquela persona odiosa, sei que vou me sentar em minha cadeira, tremendo e chorando, ou continuarei, com o êxtase mais nervoso e temeroso, a andar de um lado para o outro neste aposento (meu último refúgio terreno), com os ouvidos aguçados ao menor sinal de ameaça. Hyde morrerá no cadafalso? Ou encontrará coragem para se libertar no último instante? Só Deus sabe dizer; isto não me afeta mais; cheguei ao ponto final de minha existência, e o que virá a seguir é problema de outrem, não meu. Agora, ao largar a pena e lacrar minha confissão, ponho um fim à vida deste infeliz Henry Jekyll.

InfoLivros.org

